

Diário de Lisboa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
 Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
 ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
 Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
 Redacção, composição e impressão
 RUA LUZ SORIANO, 44
 TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

POLITICA COMERCIAL

PASSA ao fim deste mês o centenário do nascimento de Joaquim Pedro Monteiro, uma figura estimável, bem portuguesa pelo carácter e pela índole, que teve a sua auroa na segunda metade do século passado. Foi lavrador, criador de gado bravo, aficcionado, empresário — e um homem de sociedade, relacionado com meio mundo, de mão rija e leal.

A comemoração deste centenário de nascimento de um homem que, não sendo natural de Lisboa, era afinal um alfacinha da gema, é comemorada com a publicação de um «In-Memorial», em que colaboram escritores e artistas que foram do seu convívio, e com a assinatura de uma mensagem comemorativa, já assinada pelos elementos mais grados da Imprensa, das letras, da arte do seu tempo e da la-noura. Também no dia exacto do centenário será inaugurado no corredor principal da praça do Campo Pequeno, de que foi um dos fundadores, um busto em mármore, obra meritória do ilustre escultor João Silva, que espontaneamente se associou à iniciativa.

A' roda do filho de Joaquim Pedro Monteiro — o sr. João Monteiro, continuador das tradições de fidalguia de maneiras, e optimista bonomia de seu pai — se estão juntando centenas de amigos, alguns de avançada idade, no intuito de dar um maior relevo à comemoração de uma pessoa que não foi grande pelas situações da politica ou da fortuna, mas é bem representativa da Esclarecimento, do Ribatejo, de Vila Franca e de Lisboa, no século passado.

* * *

O GRANDE aviador Mollison, que frequenta as praias francesas onde as suas proezas eram objecto de merecida admiração, está a ser objecto de uma vigilância cuidadosa por parte das autoridades.

Os incidentes com Mollison multiplicaram-se nos ultimos tempos, e todos se liquidaram com a intervenção da Polícia.

Ha dias, no Tonquet, depois de um jantar abundantemente servido, o aviador, contra a vontade do chefe do aerodromo local, fez acrobacia audaciosa durante cerca de quarenta minutos.

Censurado publicamente, viu-se depois acusado judicialmente por infracções e embriaguez.

Mollison deve responder, dentro de pouco tempo, em audiencia correcional, no tribunal de Montreuil-Sur-Mer.

* * *

O ARTIGO a que nos referimos ha dias, sobre consumo e preço do vinho, da autoria do dr. Pacheco de Amorim, foi inserto no passado dia 9 no «Comercio do Porto». Fica deste modo informada a União Central dos Agricultores Portugueses.

Fez-se, ultimamente, um Acôrdo Comercial com o Sião e anunciou-se outro com a Grecia, para breve.

Claro que é vantajoso ver reguladas convencionalmente as nossas relações comerciais com o maior numero de países.

Mas já, aí, se experimentou a politica sistemática dos acôrds comerciais, feita apenas com a preocupação de aumentar o seu numero e não de aumentar as utilidades deles derivadas para nós, e sabe-se que nenhuma conveniencia dela colhemos. Concedemos então e até a produtos de países que são nossos concorrentes desleais favores que deviamos reservar para os países que oferecessem a produção portuguesa característica, não só respeito pelos seus direitos indiscutíveis e reconhecidos mas possibilidades efectivas de consumo.

Acôrds com países que ostensiva e impunemente nos mercados do mundo apresentavam imitações e falsificações dos nossos vinhos de marca e com elas concorriam deslealmente, de nenhum modo eram de admitir. — Como não se justificavam concessões nossas a países que aos nossos produtos característicos criaram onus aduaneiros que equivaliam à proibição do seu consumo. E menos ainda eram de desejar negociações com países que passavam, depois de feitos os acôrds, mais sugeridos e solicitados, aliás, por importadores portugueses do que por exportadores deles naturais, a desenvolver muito as suas vendas a Portugal mas nada nos compravam em troca.

Não se teve isso em conta e sacrificaram-se princípios que deviam ser fundamentais e intangíveis para a nossa politica comercial, a preocupação de mostrar serviços ao país, se não foi, em alguns casos, a de obterem os nossos negociadores, de países estranhos, os galardões que são de uso.

Desejamos que os novos Acôrds Comerciais não enfermem desse mal.

O Sião é, hoje, um pequeno fornecedor do nosso país a que fez já vendas mais consideráveis. Em 1936 não chegou a vender-nos 5 contos e comprou-nos a roda de 100.

A Grecia, no mesmo ano, não chegou a vender-nos 25 contos e comprou-nos um pouco mais do que o Sião: 112 contos. São países com os quais temos saldos positivos o que é de ter em conta, pois com poucos isso nos sucede. E, o pior é que precisamente com os países com os quais realizamos maiores negocios é que temos também maiores «deficits», alguns verdadeiramente esmagadores. Para esses países, portanto, é que importa voltar e manter atenções especialíssimas, a fim de fazermos valer os nossos direitos e reclamarmos e obtermos, até onde possível, a reciprocidade de tratamento aduaneiro e nivelamento dos negocios comerciais.

Nos primeiros cinco meses do ano e em relação a igual periodo do ano passado vimos decair muito o nosso comercio especial com a Inglaterra, com a França, com a Belgica e com os Estados Unidos. A Inglaterra vendeu-nos menos 39.018 contos e comprou-nos menos 18.114. A França vendeu-nos mais 8.219 contos mas comprou-nos menos 15.297. A Belgica vendeu-nos menos 24.476 contos e comprou-nos menos 5.013. Os Estados Unidos venderam-nos menos 2.788 contos e compraram-nos menos 26.846 contos.

Por sua vez a Alemanha vendeu-nos muito mais: 17.541 contos, mas esteve longe de aumentar as suas compras proporcionalmente, pois só nos comprou mais 3.790. E a Noruega que nos vendeu mais 10.616 contos comprou-nos ainda menos 2.741.

Saldo positivo como com a França nos primeiros cinco meses de 1937, transformaram-se em «deficits».

Agravaram-se muitos saldos negativos como o da Alemanha, dos Estados Unidos e da Noruega. Outros se reduziram como o da Inglaterra, da Belgica, da Holanda. E houve também «deficits» que se volveram em saldos positivos. O caso do Brasil e da Espanha. Saldos positivos pequenos enfraqueceram como o da Dinamarca ou aumentaram como o do Canadá.

A nossa politica comercial externa tem de preocupar-se, sobretudo, com os grandes mercados europeus e com os dois grandes mercados americanos. São esses que influem decisivamente na nossa vida economica. E' para eles, portanto, que têm de olhar o Governo e os organismos corporativos, se querem realizar a tarefa superior que lhes incumbe.

Não nos interessa que a Inglaterra nos venda menos, desde que nos compre menos. Será melhor que nos venda mais e nos compre em proporção. E será ainda melhor que nos venda quem nos compre do que quem nos não compre.

Esse deve ser o criterio a adoptar com todos os grandes mercados da Europa e da America e com o mercado nipónico.

Regulemos o nosso comercio com todos os países, que nisso não haverá senão utilidade. Partamos, porém, da necessidade de termos o seu balanço o mais equilibrado possível mas ao nível mais alto possível, com os grandes mercados. Desses dependem as nossas exportações características e mais significativas, o que equivale a dizer a nossa economia.

NUNO SIMÕES

DO ultimo relatório — publicado no boletim comercial do ministerio dos Estrangeiros — do nosso consul no Rio de Janeiro, dr. Francisco Brito Junior, se apunam numeros lisongeiros, progressivos, para a exportação portuguesa para o Brasil. Na generalidade, o Brasil importou de Portugal mercadorias estrangeiras em 1935 no valor de 364.000 libras, em 1936 no valor de 464.000, e em 1937 no valor de 519.000.

Especificadamente, em quantidade e valor, subiu de ano para ano a importação de vinhos comuns portugueses, que se ficaram o ano passado em 12.559 contos brasileiros. E assim o vinho do Porto, que subiu, os vinhos licorosos e espumantes, as cortiças, cada vez mais, e quasi dobrando de quantidade, as sardinhas em conserva, de igual modo a azeitona, as uvas, os marmores, que dobraram de quantidade e valor. Só nas castanhas baixaram sensivelmente, e um pouco o azeite, embora continuemos a ser, de longe, sobre a Italia, o primeiro fornecedor.

Isto quanto ao que vendemos; no que compramos, duplicámos o valor (de 150 mil para 350 mil contos), mas a balança ainda nos é favorável.

* * *

O MAGNIFICO Arquivo Historico Militar — que concentra um grande numero de especies e peças de alto interesse nacional, valiosissima biblioteca e «museu natural» de documentos preciosos — encontra-se instalada no Campo de Santa Clara, no edificio da esquina do Paraíso, que foi o palacio dos condes de Resende.

Está, pode dizer-se, insufficientemente instalada, mal acomodada, já sem fundo para a sua extensão e prolongamento.

A direcção do ilustre erudito e estudioso sr. coronel Ferreira de Lima, não pode suprir as deficiencias do espaço, nem evitar a ameaça dos elementos fisicos.

E pergunta-se: não haverá possibilidade — pois conveniencia ha toda — de instalar aquele meritorio Arquivo em edificio proprio, ou outro condigno? Um pequeno esforço das entidades das quais o Arquivo depende não chegará para promover a sua melhoria, por sua vez segurança de um melhor desenvolvimento?

* * *

ENTRE a Imprensa espanhola que se ocupa largamente de Portugal destaca-se o conhecido «El pueblo gallego», de Vigo, onde o seu correspondente, Antonio Conde Fresco, Carlos Baquero Peruch e outros colaboradores espanhóis e portugueses se referem ao nosso país, á viagem do general Carmona ás colonias e a outros aspectos da vida nacional, em termos que merecem registo especial.

De ontem para hoje

Na provincia

■ O oficial que procedeu ao inquérito sobre as causas da catástrofe que ha dias ocorreu em Coimbra, indicou responsável, moral e tecnicamente, o inspector de incendios major de engenharia sr. Armenio Leal Gonçalves, que planeou o exercicio, estudou a sua preparação e dirigiu a sua execução. Em face das conclusões do relatório, o sr. ministro do Interior despachou no sentido de se applicarem aos causadores do desastre, pois do aludido relatório se conclue que ha outros responsáveis, as penalidades da lei.

■ Nas minas de Lucas de Valongo, produziu-se uma inundação no fundo dum poço onde estavam a trabalhar dez operarios, provocando a morte de três deles.

■ Um violento incendio destruiu completamente dois predios em Mangualde. Salvaram-se a custo os moradores dum dos predios. O fogo ameaçou comunicar-se ás casas vizinhas, cujos moradores retiraram todos os seus haveres para a rua.

■ No lugar dos Moínhos (Guimarães), o funileiro João Mendes e seu irmão Herculano Mendes agrediram a varapau seu proprio pai, o lavrador Adelino da Silva, de 55 anos, que recolheu em perigo de vida ao hospital daquela cidade.

■ Na romaria da Senhora dos Verdes (Aguar da Beira) deu-se uma grave desordem entre a população local e a de Matela, de que resultaram varios feridos.

Nas ilhas adjacentes

■ No Funchal foi encenado dentro dum tanque o corpo de Antonio Vieira, vítima duma agressão por parte de Manuel Freitas, que depois de praticar o crime amarrara o cadáver a umas pedras, atirando-o para dentro do tanque.

No estrangeiro

■ Na fronteira da Austria com a Checoslováquia foram destruidas varias aldeias para construir fortificações.

■ Demitiu-se o governo de Barcelona. Foram substituidos dois ministros, um catalão e um vasco.

■ Faleceu monsenhor Miska, chefe do partido eslovaco.

■ Parece imminente uma nova greve dos trabalhadores das docas e do porto de Marselha.

■ Foi preso em Moscova a viúva de Lenin.

NOTÍCIAS DO TOREL

ROUBO DE DOIS BARDEQUINS E DUM MOTOR.—A firma Agos Finos Reechling, com sede na rua da Boa Vista, 45, queixou-se á P. I. C. de que individuos que desconhecemos furtaram dos seus armazens um bardequim electrico.

Foram nomeados os agentes Verissimo e Rosa. E, enquanto eles se desempenhavam da sua missão, os gatinhos voltaram lá e roubaram mais um bardequim e um motor, elevando-se assim a importância do furto a 4 contos.

Os agentes ficaram intrigados com o caso. E, intensificando as suas diligencias, foram descobrir um dos bardequins roubados numa taberna da rua do Poço dos Negros, onde havia sido adquirido por baixo preço.

Chamado ao Toren o dono da taberna, este declarou que desconhecía a identidade do vendedor do bardequim e que só comprara este objecto por se conduzir das necessidades do vendedor.

Dias depois, numa oliveira da rua da Esperança, foram encontrados o outro bardequim e o motor electrico, tornando-se facil a identificação do gatinho: Adelino de Almeida Galvão, que, preso, confessou o crime, devendo ser amanhã enviado para a Boa Hora.

UM ESTOFADOR-COLECCIONADOR.—A sr. D. Eugénia de Oliveira Ferraz, moradora na rua Ferreira Lapa, 36, 2.º, e o sr. José de Albuquerque Rodrigues, residente na rua de S. Nicolau, 12, 2.º, apresentaram queixa na P. I. C., contra um individuo chamado Mario Martins, estofador, que lhes appareceu, oferecendo os seus serviços por preços muito inferiores aos dos estabelecimentos, pelo que lhe confiaram peças de arpe e outros artilamentos para estofar varios moveis. O estofador desapareceu—e o agente Alberto Cruz, da P. I. C., procura-o, tendo já averiguado que há outras pessoas burladas pelo Martins.

Grande Hotel do Parque

Bom Jesus — Braga — Telef. 170
O melhor da estância — Conforto moderno.
Concessionario—José Manuel Solleiro

Duas festas interessantes

a favor da Colonia Balnear Infantil do jornal «O Seculo»

Todos os anos o nosso prezado colega O Seculo organiza, no grande Casino de Espinho, uma festa a favor da sua Colonia Balnear Infantil. A deste ano effectua-se já no proximo sabado, 20, e oferece, como novidade inédita em Espinho, nos intervalos do baile uma passagem de lindos modelos de vestidos de noite apresentados pela sr.ª D. Maria Lemos. Erico Braga, recém-chegado de Paris com um smoking de flanela branca que vai fazer sensação, será o animador desta festa surpreendente, em que tomam parte os professores Ferusa & Ferdoli, misteriosos realizadores dos mais inverosímeis phenomenos de telepatia e transmissão de pensamento; o «Rei do Cavaquinho», grande atracção regional que Lisboa inteira aplaudiu este ano no Eden-Theatro, e o grupo cheio de frescura e de mocidade das «Casino's girls», ensaiado pela competencia de Rosa Mateus.

A decoração das mesas está a cargo de Saul de Almeida. Haverá tombolas, brindes, flores e mil futilidades dos «dancings» de Paris completarão o interesse do baile, a que vai certamente concorrer toda a população balnear da linda praia norteana.

Um arraial no Parque da Curia

Outra festa patrocinada pelo Seculo, realisa-se nos dias 20 e 21, de tarde e á noite, no lindo Parque da Curia, a favor de varias instituições de caridade e da Colonia Balnear daquelle nosso colega.

A festa consta dum movimentado e pitoresco arraial com varios divertimentos e atracções. No recinto haverá barracas características desse ambiente popular e a entrada custa apenas um escudo. Nos teatros e dancings, a entrada é de cinco escudos.

Devem acorrer, por certo, nesses dias, milhares de visitantes á formosa estância thermal da Curia, para assistir ao arraial de beneficencia que ali se realiza e que constituirá, sem duvida, uma das mais lindas festas da época.

Agressões a tiro

Por ter sido agredido com um tiro no peito, deu hoje entrada na sala de observações do hospital de S. José, Albino Pereira, de 25 anos, serralleiro, residente nos Casais do Araujo, na Lourinhã. O agressor, que foi preso, é um seu parente, de nome João Luciano.

Deu hoje entrada, em estado grave, na sala de observações do hospital de S. José, onde falleceu pouco depois, a cigana Cipriana da Conceição, de 59 anos, que em Beira foi agredida com um tiro.

DESASTRE DE VIAÇÃO

Deu hoje entrada na sala de observações do hospital de S. José o proprietario Manuel Coelho Fonseca, de 39 anos, residente em Vila Nova do Coito, Alentejo, que ha dias quando seguia no seu carro, em Rio Maior, foi choçar com uma arvore, devi to ter-se-lhe partido a direcção.

CRIME DE MORTE

BELMONTE, 17.—Na aldeia do Mato (Covilhã) foi assassinado á pedrada e á navalhada um individuo de nome de João Batoto. O assassino, que dizem ser João Mauricio, anda a monte. Os dois andavam de rixa ha muito tempo. O alcool deve ter dado origem ao crime.

Vitima de agressão

Faleceu hoje no hospital de S. José o jornalista Wenceslau Pereira Rato, de 42 anos, residente em Loures, que ha dias ali fora agredido á facada, durante uma desordem.

HORAS DE TEDIO

Não existem para quem tem á mão um exemplar de «VAMOS LER!», a revista mais completa e interessante da actualidade.

Vamos ler!

Aparece todas as QUINTAS-FEIRAS nas tabacarias e casas de publicações de todo o país, ao preço de DOIS ESCUDOS.

Para assinaturas a preços reduzidos dirigir-se á Delegação em Lisboa — Praça Restauradores, 13 3.º. Telefone 2 9651.

Ema & Beatriz

CHAPÉUS DE SENHORA
Liquidação dos saldos fim de estação, desde 40\$00

Telef. 2 2626
R. CARMO, 60, 2.º; ESQ.

MADAME

Categorize a sua cabeça fazendo a sua permanente sem fios á conlancia no acreditado SALAO SOUZA, ao preço, tudo incluído, 60 escudos; de futuro não precisam de fazer mais. Av. Liberdade, 236, 1.º. Tel. 4 5416.

A viagem de Vuillemin

Manifestações de cordialidade entre as aviações alemã e francesa

BERLIM, 17.—O general Vuillemin visitou hoje, em companhia do general Milch, a esquadilha de Richthofen. Foi acompanhado tambem pelo general Stumpf, chefe do estado maior do exercito do Ar e pelo general Udet, famoso «ás» de guerra alemão. Era aguardado, no campo, por uma guarda de honra com banda e bandeira. Vuillemin passou-lhe revista, ao mesmo tempo que a banda executava os hinos nacionais frances e alemão. Uma esquadilha de aparelhos de caça, de tipo ultra-rápido, executou, em seguida, exercicios de patrulha. Os officiaes franceses e alemães dirigiram-se depois para a «mess», onde reinou, constantemente, a maior cordialidade. Por uma delicada atenção, os officiaes franceses que deviam ir a Leipzig para visitar a fabrica Erla, que fabrica os aviões cujas impressões evoluções tinham examinado esta manhã, tiveram á sua disposição o avião «Poke-Wulf 200» que acaba de fazer a travessia do Atlantico—ida e volta. A tripulação—a mesma que vem de realizar este magnifico voo—estava postada perto do aparelho. O general Vuillemin, ao tomar conhecimento da atenção assim feita á missão francesa, ofereceu espontaneamente ao capitão Henken, chefe da tripulação e ao comandante von Moreau, seu adjunto na dupla travessia, as insignias de piloto militar do exercito francês, que foi aceita com reconhecimento pelos aviadores alemães.

O proprio general Vuillemin colocou as insignias no peito dos dois pilotos alemães depois de as ter tirado dos dolmans do addio militar francês em Berlim e do seu adjunto.

Esta breve e emocionante manifestação foi muito apreciada pelos aviadores alemães.—(Havas).

Bandos de criminosos

perseguidos no Mexico

MEXICO, 17.—No Estado de Durango, o 40.º batalhão de infantaria, ás ordens do general Matias Ramos, conseguiu alcançar e dizimar uma força rebelde comandada pelo assassino Rosendo Rodrigues. Além disso, conseguiu cercar os chefes de bando, Frederico Vasquez e Madaleno Nortega.

As autoridades inquirem acerca do assassinio de 26 trabalhadores mexicanos no Estado de Michoacan. Colunas de tropas federais partiram de varios pontos para alcançar os bandos de assassinos, cujo chefe é um tal Flores, cujo passado está carregado de crimes. Alguns elementos do sindicalismo de Michoacan têm a suspeita de que certos patrões da região tivessem peitado o Flores e a sua gente para cometerem aquele crime. Flores possuía uma lista das suas futuras victimas e fez a sua chamada nominal antes ro massacre. Depois da matança dos 26 operarios a tiros de revolver e de espingarda, os assassinos, com punhais, mutilaram os cadáveres. Alguns operarios tiveram a vida salva, mas arrancaram-lhes a lingua.—(Havas.)

REARMAMENTO DO EXERCITO

Entrou hoje no Tejo o vapor inglês «Délins», vindo de Buenos Aires, que trouxe 114 cavalos argentinos para o nosso Exercito. O desembarque fez-se no cais de Alcantara e os cavalos seguiram para o Deposito de Remonta de Mafra.

Formatura em medicina

Concluiu brilhantemente a sua formatura em medicina o sr. dr. Luiz Calheiros Kus.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

6.º aditamento á Tarifa Especial n.º 101—Grande ve cidade
Bilhetes de excursão com itinerarios escolhidos pelas passageiros

Por motivo da abertura a exploração do novo troço da linha do Vale do Sabor compreendido entre as estações de Mogadouro e Duas Igrejas-Miranda, devem ter-se em conta as seguintes distancias:

Companhia Nacional de Caminhos de Ferro
Pocinho a Lagoaça, em vez de Pocinho a Mogadouro, 50 quilometros.
Lagoaça a Mogadouro, em vez de Pocinho a Mogadouro, 23 quilometros.
Mogadouro a Duas Igrejas-Miranda, 3 quilometros.

Fica pelo presente anulado o 1.º aditamento a esta tarifa, na parte que se refere a Companhia Nacional de Caminhos de Ferro.

Lisboa, 15 de Agosto de 1938.
O Director Geral da Companhia
A. de Lima Henriques

BOLSA DE LISBOA

17 de agosto

VALORES	Electuado	Compra	Venda
Consolidado 3 3/4 T. 10.	938\$00	—	938\$10
Consolidado 4 1/4 T. 10.	908\$00	—	908\$10
Consolidado 4 1/2 T. 10.	1.025\$00	—	—
Consolidado 5 1/4 T. 10.	1.144\$00	—	1.148\$00
Consolidado 5 1/2 T. 10.	1.064\$00	—	1.065\$00
Obgs. Tesouro 3 1/2 T. 10.	—	—	—
Externas 1.ª série	—	1.688\$00	1.690\$00
Externas 1.ª carimbadas	—	1.720\$00	1.724\$00
Externas 3.ª série	—	1.702\$00	1.704\$00
Externas 3.ª carimbadas	1.793\$00	1.790\$00	1.791\$00

Ações

Esp. S.ª e Com. L.ª port.	750\$00	—	—
Lisboa e Açores port.	360\$00	359\$00	360\$00
Ultramarino cp T. 10	—	—	—
Portugal port. T. 5	—	—	1.100\$00
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	234\$00	239\$00
Nacional	—	—	—
Sagres	—	—	—
Aguaes Lisboa port.	—	—	205\$00
Aguaes Lisboa 1931 T. p.	—	148\$00	154\$00
Aguaes Lisboa 1936 T. p.	—	14\$00	—
Cervejas Estrela	—	490\$00	501\$00
Cimentos Lejo	—	—	—
Cimentos Leiria T. p.	—	—	—
Credito Predial	—	—	—
Gas e Electricidade	301\$00	300\$50	301\$00
Alto Alentejo 1.ª 1/2 em.	—	3.080\$00	3.070\$00
Alto Alentejo 3.ª 1/2 em.	—	320\$00	320\$00
Industria Alentejo	50\$00	49\$00	—
Portugal e Colonias	94\$00	93\$00	94\$00
Nacional Navegação T. p.	1.75\$00	1.65\$00	1.67\$00
Colonial de Navegação	—	61\$00	58\$00
Portuguesa de Pesca	—	3.80\$00	—
Ind. Farmaceutica	2.38\$00	2.39\$00	2.38\$00
Portuguesa de Tabacos	184\$00	183\$00	183\$00
Tabacos de Portugal	340\$00	341\$00	347\$00
União Electrica Portug.	—	—	—
Assesquel	215\$00	215\$00	215\$00
Agricultura das Neves	—	180\$00	180\$00
Agricultura Colonial	—	1501\$00	1500\$00
Agucar de Angola	392\$50	393\$00	393\$50
Buzi 1.ª emissão T. p.	—	—	—
Illa do Principe	205\$00	163\$00	167\$00
Zambesia T. 5	—	19\$00	20\$00

Obrigações

Norte de Portugal 5 %	—	99\$70	100\$00
C. P. 6 %	161\$50	161\$00	161\$50
C. P. 6 % Beira Baixa	175\$00	173\$00	176\$00
Aguaes Lisboa 4 1/2 cp.	—	83\$00	83\$00
Prediais 5 % 1933	—	83\$00	83\$00
Prediais 5 % 1937	—	89\$00	89\$00
Prediais 6 % 1932 1.ª	—	89\$00	89\$00
Prediais 6 % 1932 2.ª	—	89\$00	89\$00
Prediais 6 % 1934 1.ª	—	91\$00	91\$50
Prediais 6 % 1934 2.ª	—	90\$00	—
P. N. 1.ª Moagem 5 % T. p.	—	900\$00	905\$00
União Elect. Port. 5 %	—	1501\$00	1500\$00
União Elect. Port. 6 1/2 %	—	112\$00	112\$00
Buzi 5 1/2 % T. p.	—	117\$00	—
Buzi 6 1/2 % T. p.	—	—	—

HENRIQUE DE BARROS GOMES
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 2 5432 RUA S. JULIAO, 89

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Vendas
Londres	110\$15	110\$19
New-York	225\$53	225\$55
Paris	801\$5	801\$6
Berlim	980\$7	980\$2
Amsterdan	1283\$7	1283\$1
Bruxelas	347\$5	347\$7
Roma	181\$6	181\$7
Zurich	581\$8	581\$7
Praga	77\$9	77\$9
Rio de Janeiro	1831\$9	1831\$0
Burgos (Espanha)	—	—
Libra ouro	—	—

ESPLANADA LUSO ARTISTICA

Amanhã: grandioso programa com a popular e gloriosa actriz **TERESA GOMES**. Cantam os apreciados artistas **Lucilia do Carmo, Ilda Silva, Lino Teixeira e Guilherme Janeiro**. Vá a inauguração da **Quinta-feira da Moda**, e verifique que passa uma noite agradável na mais linda e economica **Esplanada da capital**.
Seleção e o melhor bem-estar.

TERESA GOMES Rua de Santa Marta, 179

VERBENA DE SANTA CATARINA
CALCADA DO COMBRO
Hoje, noite da moda: **Virginia Solor** (atriz), **ZE MANEL** (o rei do cavaquinho), **Ilda Silva** e **Jacinto Pereira**. Amanhã, **Maria Carmen**.

Solar da Alegria
RESTAURANTE E BAR

HOJE: **Alcídia Rodrigues, Albina Pereira, José Tovar e Francisco dos Santos** (o ás do riso).
Sabado: **Orquestra Tipica de Portugal**.

Seleção rigorosa
Telefones 2 4290 e 2 8187

Colete Encarnado

HOJE: Grande sessão da moda com **Adelina Ramos, Lucilia do Carmo, Julie Preença e Manoel Pereira**.
Variações de guitarra pelo notavel artista **ARMANDINHO**.

TEATROS E CINEMAS

Ilda Stichini, na America

Chegou já aos Estados Unidos, tendo-se estreado em Fall River Mass. a ilustre actriz Ilda Stichini. O seu primeiro contacto com o publico foi, pode dizer-se, um notavel triumpho. A colonia portuguesa aconteceu em peso ao teatro de Fall River, tributando a Ilda Stichini uma calorosa e prolongada ovação. Havia lagrimas em muitos olhos. A representação da grande actriz foi, excepcionalmente feliz. O seu trabalho foi cortado, por vezes, de aplausos. No final, da representação todo o publico lhe dispensou uma vibrante, uma emocionante ovação. Ilda Stichini está profundamente sensibilizada com as homenagens recebidas, pois que elas reflectem o amor que as nossas colonias populacionais da America nutrem pela sua Patria.

Atrás do reposteiro

Os actores Silvestre Alegria e Manuel Correia, na sua digressão por praias e termas, percorreram já, com grande éxito, os casinos de Vale de Lobos, Ericeira, Santa Cruz, S. Pedro de Muel, Caldas da Rainha, S. Martinho do Porto e Monte Real, encontrando-se presente na Figueira da Foz, a trabalhar no recinto da exposição desta cidade.

A brilhante actriz Constança Navarro, bastante doente desde o regresso da companhia Aura Abranches, da sua «tournée» ás ilhas, deve sujeitar-se brevemente a uma operação cirurgica.

No caso de se assentar em inaugurar a temporada do Sá da Bandeira, do Porto, com determinada revista já estreada em Lisboa com éxito, o xadrez teatral modificar-se-á muito no seu actual plano.

O actor Fernando Isidro, com o grupo de variedades que chefiou desde ha muito, conta apresentar brevemente em Lisboa um interessante espectáculo em «music-hall», com artistas portugueses, «ballers» internacionais e artistas do fado.

Raul Roulien, o artista de teatro e de cinema brasileiro, logo que a sua companhia de «vaudeville», de que é vedeta Maria Sampaio, possua repertorio sufficiente, projecta realizar uma «tournée» a Portugal.

Consta que vai reentrar no elenco do Nacional, na proxima epoca, a actriz Emilia de Oliveira.

Embarca hoje, em Leixões, no «Raul Soares», o empresario João de Oliveira, proprietario do Teatro Republica, do Rio de Janeiro.

Comearam hoje, no Avenida, os ensaios da comedia «A velha rabujenta», com Adelina Abranches na protagonista.

No Politeama comearam os ensaios da peça «Rosa de Alfama», de Orsini de Miranda, que vai ser representada pela Sociedade Artistica organizada pelo actor Joaquim Miranda e da qual será gerente o actor José Gambôa, um dos seus interpretes.

Nas «matinéas» de amanhã (quinta-feira) e sábado, no Coliseu, com a Companhia Popular de Circo, têm entrada gratis as crianças das escolas gratuitas e os internados nos asilos, segundo as entradas que habitualmente têm sido concedidas por esta casa de espectaculos.

CARTAZ

TEATROS

AVENIDA—A's 21 e ás 23—«Os Bébés».

COLISEU—A's 22—Companhia Popular de Circo.

MARIA VITORIA—A's 21 e ás 23—«Cigarro Forte».

CINEMAS

EDEN-TEATRO—A's 21 e 30.

CAPITOLIO—A's 21.

CHIADO TERRASSE—A's 21 e 15.

ODEON—A's 21 e 15.

PALACIO—A's 21 e 30.

REX—A's 21 e 15.

ROYAL—A's 21.

PAVILHÃO PORTUGUES—A's 21.

SALÃO IDEAL—Rua do Loreto.

AVENIDA—A's 9 e ás 11 horas

Farsa em 3 actos
PREÇOS POPULARES

Os Bébés

MARIA VICTORIA

HOJE: A's 9 e ás 11 horas
A revista fantasia de grande éxito

Cigarro Forte

com o quadro novo
EMBAIXADA DE SAUDE
no qual se exhibe o grande cantor de Fados e modinhas brasileiras

Joaquim Pimentel

Leiam hoje o jornal humorístico SEMPRE FIXE.

— Partem amanhã para o Luso os artistas Maria Emilia Castelo Branco e Augusto Figueiredo, que vão em «tournée» pelas termas e que tiveram a amabilidade de nos apresentar os seus cumprimentos de despedida.

Espectaculos de teatro no Capitolio

Está fixada para amanhã a reabertura do Capitolio que, durante algum tempo, vai funcionar como teatro. Estreia-se a revista «Pegame ao colo», interpretada por uma grande companhia de artistas portugueses, com três atracções internacionais e quatro orquestras. «Pegame ao colo» terá um guarda-noupa todo novo dos «ateliers» Paiva e cenários de Baltazar, Enxai, Pinto Campos e Lima.

A estreia dos «Valentinos», esta noite, no Coliseu e a «matinée» de amanhã

Enriquecendo a Companhia Popular de Circo, fazem hoje a sua estreia no Coliseu os famosos artistas Valentinos, baristas-relampagos, continuando a exhibir os seus assombrosos trabalhos o fantástico Florençes, ilusionista, «Mago», o elefante sábio e outras atracções e numeros cómicos que fazem rir á doida.

Amanhã: «matinée».

Uma senhora que nos escreve

Recebemos a seguinte carta:

«... Sr. Redactor: — Fui ver ao Coliseu a Companhia de Circo. Sinceramente gostei. Notável o ilusionista Florençes. Que maravilhas de escamoteação e manipulação! E' diabolico o homem! Mas em face dos seus prodigios, airovo-me a perguntar: — conseguira Florençes fazer desaparecer a galinha e o canário, como Chang? E' um desafio que encobre uma grande dúvida... mas por cuja publicação muito grata lhe fica a constante leitura. — Maria José da Cunha».

Não sabemos como se desenvolverá o artista Florençes deste desafio. Inqueriremos, entretanto, e, conforme o que nos for dito, assim responderemos á nossa gentil leitora.

T. S. F.

Movel de luxo

Rico movel, modelo 1938, com 18 valvulas, 2 alto-falantes, recebendo de 4,8 a 2.400 metros, vende-se muito barato. Ouvir, das 22 ás 24 horas, na Av. Sacadura Cabral, 27, 2.º, Esq. (Campo Pequeno).

Retiro da Severa

HOJE, ás 21 e 30 horas

Deonilde Gouveia, Arminda Vidal, José Porfirio e Alberto Ribeiro.

Amanhã—Noite da Moda—Grandioso programma.

Sábado, 20—Grande Parada de Artistas.

Programas de hoje

EDEN
A's 21 e 30
Telef. 2 0768

O CARICATURISTA
com Robert Montgomery
Complementos vivos n.º 8

ODEON
A's 21 e 30
Telef. 2 6283

FURIA
Parada
maravilhosa

PALACIO
A's 21 e 30
Telef. 4 7163

Atenção: Durante a epoca de verão 50 0/0 de desconto a todos os espectadores.

CAPITOLIO
A's 21
Telef. 2 7493

O PAR INVISIVEL
ROSE MARIE
Salão e Terrço

REX
Telef. 2 9356
A's 21 e 15

A CANÇÃO DA TERRA
A HORA H
MIL DOLARS POR MINUTO
Preços reduzidos (cartão de convite)

TERRASSE
Telef. 2 0917

GLORIA DE MANDAR
RAINHA CRISTINA
Plateia 2550

Pavilhão
Português

A's 21 horas
A conquista do Ouro
O INDOMAVEL

CASINO
ESTORIL

A's 21 e 30
Casaca Verde

VIDA DESPORTIVA

NATAÇÃO

Festival a favor dos desportos pobres

A favor dos desportos pobres, cujas associações e federações se encontram reunidas em comissão, efectua-se amanhã, 18, na piscina do S. A. D., por organização da F. P. N., um festival de natação com inicio ás 21 e 30 horas. O programa é o seguinte: I—33 metros livres infantis; II—33 metros bruços principiantes; III—33 metros costas senhoras; IV—66 metros livres juniors; V—66 metros bruços seniors; VI—33 metros costas infantis; VII—33 metros livres principiantes; VIII—33 metros bruços senhoras; IX—33 metros bruços, praticantes de outros desportos; X—66 metros costas juniors; XI—66 metros livres seniors; XII—33 metros bruços infantis; XIII—33 metros costas principiantes; XIV—33 metros livres senhoras; XV—66 metros bruços juniors; XVI—66 metros costas seniors; XVII—3x33 metros livres, praticantes de outros desportos; XVIII—Saltos artisticos.

Estão inscritos os melhores nadadores lisboetas e, entre eles, quasi todos os seleccionados para os Campeonatos de Portugal que se efectuem em Coimbra nos dias 20 e 21.

Campeonatos nacionais de natação pura e saltos

Na piscina da Praia Artificial do Mondego, em Coimbra, efectua-se nos proximos dias 20 e 21, em organização da Federação Portuguesa de Natação e da Associação de Natação de Coimbra, os campeonatos nacionais de natação pura e saltos de 1938.

A's provas concorrem cerca de 50 nadadores em representação de Lisboa, Coimbra, Porto, Aveiro e Figueira, havendo ainda nos dois dias provas complementares.

A's provas, dada a boa forma dos nadadores prometem decorrer com o maior brilhantismo. As individualidades oficiais vão ser convidadas a assistir ás provas dos dois dias.

Na praia de Caxias

Continua a funcionar, com invulgar concorrencia, na praia de Caxias, Lagoal, a escola de natação dirigida pelo professor Antonio Borrecho, que nos ultimos dias viu consideravelmente aumentado o numero dos seus discipulos.

Sendo a natação um desporte cuja pratica se torna indispensavel, a sua aprendizagem impõe-se cada vez mais, tanto para infantis como para adultos ou nadadores espontaneos que precisem de corrigir e aperfeiçoar os seus movimentos.

AUTOMOBILISMO

O «I «Rallye» ao Luso» e a «III Rampa do Buçaco»

Ha grande entusiasmo entre os automobilistas pela realização, respectivamente nos dias 27 e 28 do corrente, do I «Rallye» Automovel ao Luso e da «III Rampa do Buçaco», importantes provas organizadas pelo Automovel Club de Portugal.

No «Rallye», os carros serão divididos em duas classes: A até 1.500 de cilindrada, e B de 1.500 cc., havendo seis premios pecuniarios e três taças, uma das quais para a «equipe» feminina melhor classificada.

Na Rampa—que contará para o Campeonato de Rampas—haverá seis grupos de carros, divididos conforme as cilindradas. O primeiro classificado de cada grupo receberá 500500 des-de que alinhem á partida e uma taça.

Uma gincana em Paços de Arcos

Com a colaboração do Club dos «100 á Hora»

DE LUTO

Tenente Lopes Praça

Sucumbiu a ferimentos recebidos em combate, num hospital espanhol, o tenente miliciano de infantaria, do quadro auxiliar, Alberto Damaso Figueiredo Lopes Praça, que foi combatente da Grande Guerra, e que ha tempos se alistara para a luta contra os «vermelhos», no país vizinho.

O extinto—que gozava de gerais simpatias entre os seus camaradas e subordinados, e que se portou, tanto em França como em Espanha, com a maior bravura—tinha 42 anos. Assentara praça em julho de 1916, tendo sido promovido a alferes em janeiro de 1918 e a tenente em fevereiro de 1922.

Dentro dalguns dias, o seu corpo virá para Lisboa.

Coronel Lebo da Costa

Foi promovido ao posto de coronel o sr. tenente-coronel de infantaria Artur Leal Lebo da Costa, ilustre governador civil de Lisboa, que, se como militar tem uma brilhante folha de serviços, como chefe do primeiro distrito português tem merecido um lugar admiravel, na sua luta contra a miseria e contra a desgraça que affligem uma parte importante da população.

ra», realiza o Paço de Arcos Sports Club, no seu campo atletico, uma gincana automobilistica, no dia 28 do corrente.

Nesta gincana disputar-se-ão 6 valiosas taças para os 6 primeiros classificados e outros tantos premios para as senhoras concorrentes.

Gincana de automoveis na Curia

CURIA, 16. — Prosseguindo na grande série de festas desportivas, que tanta gente tem atraído a esta estância, o Curia Palace Sports Club organiza uma grande gincana de automoveis, no dia 27, ás 15 horas, nos jardins do Palace Hotel, á qual emprestarão o seu concurso as marcas mais categorizadas, sendo disputados valiosos premios.

No mesmo dia, á noite, na piscina praia, que será feericamente iluminada, realiza-se uma interessante festa dedicada aos automobilistas.

Concurso de elegancia e conforto de automoveis

Tambem na Curia, no dia 28, nos lindos jardins do Palace, se efectua um concurso de elegancia e conforto de automoveis, devendo acorrer a esta festa o escol da familia automobilistica portuguesa numa verdadeira parada desportiva.

Este concurso, que começa ás 11 horas, será seguido de «chá-dansante» na piscina-praia, de homenagem aos concorrentes, realizando-se á noite, um baile extraordinario no Casino, durante o qual serão distribuidos os premios aos vencedores.

TENNIS NA CURIA

Distribuição de premios aos vencedores

CURIA, 15. — Foi num ambiente de grande alegria e elegancia, no salão nobre do Casino, a meio de um baile extraordinario, que teve a concorrencia das melhores familias, que se efectuou a distribuição de premios aos vencedores da final do Campeonato de Portugal e dos Campeonatos da Curia. O sr. Gil de Almeida, director do Curia Palace Sports Club, saudou os tennistas, agradeceu-lhes a sua colaboração e fez votos pelo desenvolvimento do «tennis» em Portugal. O sr. Alexandre de Almeida, num brilhante improviso, corroborou as palavras de seu filho, e brindou pelo progresso da Curia. E o sr. Horta e Costa agradeceu, por fim, em nome dos tennistas.

TIRO AOS POMBOS

Provas internacionais em S. Pedro do Estoril

No dia 19 do corrente iniciam-se, no Campo de Tiro a Chumbo da Costa do Sol, em S. Pedro do Estoril, grandes provas internacionais, com premios pecuniarios no valor de 60 contos, seis taças e outros premios.

No referido dia, ás 11 horas, haverá uma «poule» de ensaio, sendo o premio constituido por 70 0/0 das entradas, e o inicio do Grande Campeonato do Sul, com 15 contos de premios, divididos por 8, e a disputa da respectiva taça.

As provas prolongam-se até ao dia 22, e os caminhos de ferro fazem 50 0/0 de desconto a todos os concorrentes que se inscrevam.

RUGBY

Sport Lisboa e Benfica

Encontra-se aberta, na secretaria do clube, a inscrição para os socios que o queiram representar nesta modalidade, na presente epoca.

A secção está organizando um torneio de «Sete», inter-socios, em que será dado a cada «equipe» o nome de uma terra de Portugal.

BOLETIM CLIMATOLOGICO

de manhã de 17 de agosto

ESTACAO	Temperatura as 10 h. 37 m.	Máxima nas 24 horas precedentes	Mínima nas 24 horas precedentes
Montalegre	25,0	29,6	16,7
Viana do Castelo...	20,8	31,0	14,5
Pedras Salgadas...	23,6	32,3	16,2
Caldas da Saúde...	23,1	29,3	13,2
Vila Real...	27,0	31,8	16,4
Serra do Pilar	19,7	22,8	14,6
Moncorvo	28,6	36,7	22,8
Caramulo	28,4	29,6	19,7
Guarda	28,2	29,9	20,7
Serra da Estrela...	25,3	27,2	18,5
Coimbra	20,1	30,0	15,1
Castelo Branco	31,2	33,9	21,5
Caldas da Rainha...	16,6	18,6	15,0
Campo Maior.	31,4	37,1	20,6
Monte Estoril.	21,6	25,0	15,8
Lisboa	22,7	27,4	18,0
Evora	31,5	31,0	18,6
Beja... ..	29,1	33,8	21,0
Praia da Rocha	21,8	30,0	20,0
Lagos	28,4	31,0	20,0
Faro... ..	25,4	27,0	21,0
Funchal... ..	—	—	—

A VIAGEM PRESIDENCIAL A'S COLONIAS

OS «VIRIATOS

O CHEFE DO ESTADO NO ENCLAVE DE CABINDA

O sacrificio hei

Claudio Coi

(Do nosso enviado especial)

CABINDA, 29.—As águas do oceano começaram a ser invadidas pelas do Zaire, turvas, arrastando terras e arvores cujos troncos baloçam ao sabor da calênia que havíamos de sofrer ao transpôr as duas milhas que separam o «Angola» da ponte de Cabinda. Parecem calmas as águas; mas, o mar de fundo, em vibração por assim dizer sub-cutânea, faz-nos mover a balceira, e agita o «Afonso de Albuquerque», que com o «Republica» está já fundeado, fazendo guarda de honra ao Chefe do Estado com dois submarinos franceses da Base de Brest, «Archimedes» e «Ajax» que para tal vieram agora de Point Noire.

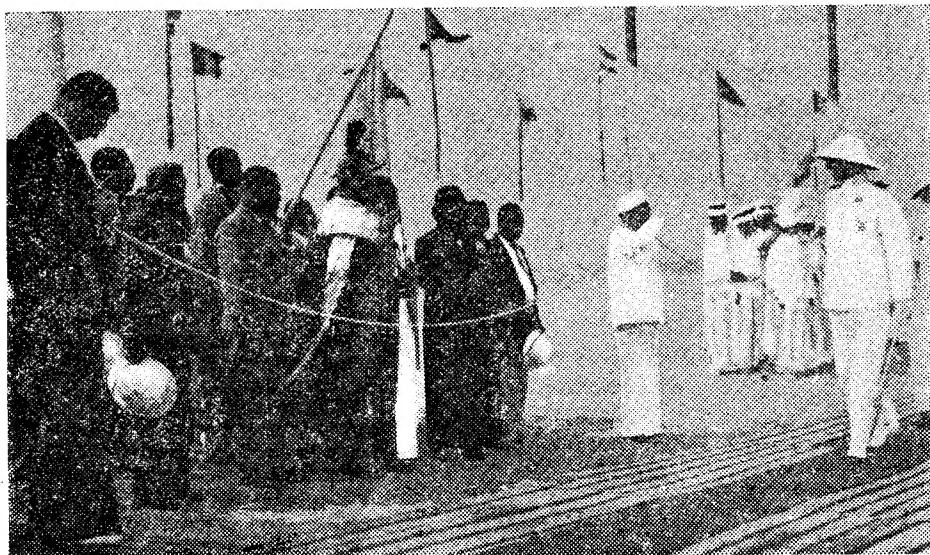
Milhas atrás, quando avistávamos terras de Landana, entraram de sobrevoar o «Angola» duas esquadrilhas de aviões de Luanda, onde o oficial aviador Baltazar ensinou já 30 pilotos que dispõem de dez «parelhos». Da obra de Baltazar dizem bem as evoluções dos aparelhos, lançando papéis com saudações e boas-vindas ao sr. general Carmona, voando em boa formatura.

Desembarcamos no famoso enclave. Na ponte, as autoridades militares, civis e religiosas, estas representadas por monsenhor Moreira dos Santos, da Missão do Espírito Santo, saudam o sr. Presidente da Republica que vem já acompanhado do governador geral de Angola, coronel Lopes Mateus, que aqui veio aguardar, com o governador francês do Congo, o sr. general Carmona e nos acompanha até Luanda.

No final da ponte, e estendendo-se pela estrada, limitada por mangueiras, mondeiros e arvores que já não são palmeiras e mais parecem eucaliptos, estão indígenas de ambos os sexos, elas enroladas em chitas de cores vivas e com desenhos feitos para o seu gosto, eles vestindo fatos europeus, alguns tão elegantes como se o fossem, outros muito mais elegantes, isto é, julgando-se muito mais elegantes nas suas casacas e sobrecasacas históricas, cobertos com imponentes chapéus de côco e altos, empunhando solenes bengalas e condecorações que são às dezenas nos peitos dos que se dizem almirantes da marinha de Cabinda, com uniformes fantásticos, absurdos.

Começam as apresentações, e falamos pessoalmente com tão amáveis personagens, inquirindo dos seus nomes e qualidades. Um é o Mongovo, chefe do Povo Grande, e tem a particularidade de cobrir a cabeça e ombros com rendas de fio grosso que parecem arrancadas das almofadas duma carruagem de caminho de ferro. Outro, que se faz acompanhar de sua esposa que fuma em cachimbo, é o duque de Chiaza. E três dos de chapéu alto ostentam os apelidos nobres dos Jack, senhores do principado de Cotra, e dos Franque, netos de D. Guilherme Franque. Contam os feitos dos seus antepassados, e mostram-se orgulhosos dos seus títulos de nobreza, aliás com mais motivos que muitos nobres brancos de fresca data. A nobreza de Cabinda data de D. João II, que lhe deu nomes, apelidos e títulos que não são de hoje precisamente.

Depois dos cumprimentos nos pavilhões coloniais onde estão instaladas a Junta e a Intendência, partimos, através de estradas batidas, até Sassa Zau, residência da Companhia de Cabinda, onde a sr.^a condessa de Seisal fez as honras da casa, oferecendo-nos um elegante «lunch», e o sr. conde de Seisal saudou o sr. Presidente com um discurso do qual transcrevemos alguns capítulos que dão o resumo histórico da acção portuguesa aqui desenvolvida desde que Diogo Cão, em 1482, aportou a estas paragens, e são «testemunho persuasivo da boa política de paz, de aliança, de assimilação espiritual dos indígenas, a qual, planeada por D. João II, seria depois seguida por D. Manuel, D. João III e D. Sebastião. Mas, foi tão fecunda a primeira semente, tantas raízes criou a nossa penetração nas duas margens do Zaire, até aos rochedos de Yelala aonde chegaram, subindo o rio, os navegadores de D. João II que, na crise de 1832, de muito valeram para



Ao desembarcar na Ponta do Padrão, o sr. Presidente da Republica é saudado pelo «Rei do Congo» e pelos indígenas categorizados da região

apoiar a justiça de Portugal na partilha da bacia do Zaire os sentimentos e as manifestações dos indígenas e dos seus chefes, apesar de bem trabalhados pela acção aliciadora e corruptora dalguns missionários e comerciantes estrangeiros. Atrás dos missionários vieram soldados, aventuraram-se os comerciantes, estabeleceram-se os agricultores, e a conquista pacífica da terra e das almas foi prosseguindo entre ameaças e invejas cubíquias, de sorte que o plano de expolição levado a termo na Conferência de Berlim, vinha de longe e concretizava-se, disputando aqui e além terras e portos que nós descobrimos e ocupámos, em séculos de aliança ou domínio. Por todo o vasto Congo ainda se fala e reza em português, ainda

ra connosco, vindo de Luanda, onde tem recebido sucessivos prémios concedidos em Lisboa nos concursos da Emissora Nacional.

Os tumulos de Simbulambuco, onde nos aguardam os descendentes dos nobres de Cabinda, acompanhados de suas famílias e de milhares de indígenas, são dois, o do vice-rei de Cabinda, Mambuquo, que foi afilhado de D. Pedro V, e o do barão de Cabinda, que D. Luiz I apadrinhou, chamando-o a Lisboa e fazendo-o cursar Direito. Já formado, mandou D. Luiz que o barão voltasse a Cabinda para dar o exemplo e ilustrar os seus; e o doutor de Coimbra, regressou aos costumes indígenas, morrendo em 1904 de novo integrado nos usos e costumes da sua terra.



No regresso a bordo do «Angola», o sr. general Carmona corresponde às aclamações que lhe dirigem de terra

os nossos comerciantes afirmam a capacidade e vigor da nossa raça, mas do que foi o nosso domínio na margem direita, restam-nos estes territórios de Cabinda e o enclavamento do Maiombo...».

* * *

De Sassa Zau seguimos até aos tumulos de Simbulambuco acompanhados dum e doutro lado da estrada por monumentais cogumelos que são afinal altos de terra produzidos pela formiga salalé que ataca até o homem, quando ferido ou moribundo, como aconteceu ao protagonista daquela novela de João de Lemos—neto do poeta da «Lua de Londres» e autor do melhor livro de Africa que conhecemos—um sertanejo que, na agonia, é atacado por milhões de formigas salalé que lhe devoram a carne, as entranhas e os olhos. Pior que a salalé só a zuissongo que ataca os animais e o homem, mesmo quando vivo.

O vento agita as raras palmeiras de Cabinda, «batem palmas as palmas das palmeiras»—diz num dos seus belos versos o príncipe de poetas que é Tomaz Vieira da Cruz, que viaja ago-

Ambos os reis ofereceram aos seus afilhados os seus bustos, e por serem estes as joias de mais preço dos dois mortos, entendeu a família pô-los a encimar as respectivas sepulturas.

Também cobrem de rendas cabeça e ombros os descendentes dos falecidos, e recebem comovidos as palavras bondosas que o sr. general Carmona lhes dirige.

A guarda de honra dos dois chefes é constituída por mascaras que ocultam indígenas, tapados os corpos com folhas, e representam a força invencível, a resignação, a esperteza, a obediência, a inconstância e a persistência.

Estas mascaras, e o espectáculo das reliquias dos mortos, em prata, e a bandeira portuguesa que o barão de Cabinda aqui hasteou em 1885, constituíram o melhor deste dia em Cabinda, que terminou por uma vitória para nós, a de vencermos os reis da Chuva e do Cacimbo com a exibição dum acendedor que nos dá ante eles, a categoria de «rei do fogo».

ROGERIO PEREZ

FRENTE DE GANDESA, agosto.—Gandesa! Língua de terreno encurralada em zona inimiga, ao fundo dum vale que o fogo marxista domina com artilharia e metralhadoras. Uma única estrada, a de Batea, permite as comunicações com a retaguarda. Essa mesma é batida a todas as horas. Mas passa-se.

A leste da vila, perpendicularmente à estrada Gandesa-Corbera, está o sector confiado à guarda heroica da 13.^a bandeira da Legião. Tão extenso que dois batalhões não seriam suficientes para defendê-lo. Mas os legionários estão acostumados a que lhes exijam milagres—e realizaram-nos.

Entramos no posto de comando, rodeado de explosões de granadas. Lá dentro, conversa-se tranquilamente, com calma legionária, entre o fragor do combate. O inimigo está a atacar duro. Inquirimos da situação dos oficiais viriatos da bandeira. Todos formidáveis. Entre eles ha um alferes novo na unidade que, terminado o período de estágio, entra pela primeira vez em acção de vulto.

—Que tal se vai portando o Correia Mendes?

—Muito bem. Está a comentar uma companhia que perdeu todos os outros oficiais. Está sózinho. Vamos ver se podemos mandar alguém ajudá-lo...

Pasmamos. O alferes de cavalaria Claudio Correia Mendes, muito novo, inexperiente ainda, voluntário na infantaria do Tercio, rapaz franco, desembarçado, sempre alegre, sempre bem disposto mas que julgávamos um pouco criança—a comandar companhias na Legião num dos momentos mais duros, num dos sectores mais difíceis, sem nenhum outro oficial a ajudá-lo! Poderia ser?

Era. Ocupava o centro da linha. A companhia da direita, morto o heróico capitão espanhol Franco, que já fora ferido duas vezes nesse dia e que recusara abandonar o seu comando, fora forçada a recuar, quase desfeita, ate que recebeu um reforço de rancheiros, impedidos e ordenanças comandado pelo bravo capitão da bandeira, logo a seguir ferido gravemente.

A companhia da esquerda, com o inimigo infiltrado pelo flanco, formava colchete defensivo em habil e rápido movimento, até que, também reforçada, reocupou as suas posições.

Ao centro, o alferes de cavalaria Claudio Correia Mendes, esse, não perdia um palmo de terreno, lutava desesperadamente, sempre nos pontos mais expostos, sempre oportuno no comando como se fora velho capitão experimentado nas lides da infantaria.

—Vamos ver se podemos mandar alguém ajudá-lo...

Mas passam-se horas, passa a manhã, chega a tarde e só nessa altura é que ha um oficial disponível: o só então ha um oficial disponível: o tenente tesoureiro da bandeira. E Correia Mendes multiplica-se, desempenha sózinho o papel de quatro oficiais, aparece sempre onde é preciso, salta de trincheira para trincheira, atravessa espaços descobertos, anima os seus homens, ajuda-os a atirar bombas de mão sobre o inimigo que está a duas dezenas de metros.

Dois dias depois voltamos à bandeira:

—Que tal, o Correia Mendes?

—Um bravo, um belo oficial, dizem os legionários e os oficiais.

Na manhã de 30, vemos passar em Caspe o cadáver do heróico alferes viriato Albraão Cerveira de Oliveira, da mesma unidade. Vinha acompanhado dum bilhete laconico:

—«Em ataque violentissimo que continua, acaba de morrer no seu posto de honra o alferes Oliveira. Viva Portugal! Viva a Legião!».

A tardinha, chegava ao hospital de sangue de Batea o alferes Claudio Correia Mendes, em perigo de vida, com uma perna em misero estado.

—Como é que dentro da trincheira conseguiste ser ferido assim?

—Saltei da trincheira para ir buscar munições ao polvorim. Era preciso dar o exemplo...

EM ESPANHA

Alfere do alferes

Alfereia Mendes



Alfereia Correia Mendes

Amputaram-lhe a perna. O moço oficial está salvo, em tratamento noutra hospital de Saragoça. Sempre alegre, sempre bem disposto, sabe que continua «a ser preciso dar o exemplo».

—Então, Correia Mendes, que te aconteceu?

—Nada de importancia. Os vermelhos entenderam que um oficial de cavalaria não precisa de duas pernas para montar.

* * *

Cerimonia enternecedora: o comandante dos Viriatos, vai perante o leito onde está Correia Mendes ler-lhe o louvor do general Barron, comandante da 13.ª divisão:

«Proposta urgente» para a concessão da medalha militar ao alferes da 13.ª bandeira da Legião Claudio Correia Mendes pelos meritos demonstrados desde 25 a 30 de julho de 1938. Relato dos factos: Este alferes, de nacionalidade portuguesa, deu constantes provas de valor e exemplo à sua tropa nos momentos difíceis. Soube manter o moral das suas forças para repetir os continuos ataques do inimigo que, com grande copia de elementos e muita superioridade numerica, se esforçava por arrebatar a posição que este bravo oficial defendia.

Num momento em que animava a sua tropa para repelir um violento ataque foi ferido por bala explosiva numa perna que foi preciso amputar. Por todo o exposto considero este alferes da Legião de Viriatos merecedor da medalha militar.

Batea (Tarragona) 3 de agosto de 1938. Terceiro ano triunfal.

O general comandante da 13.ª divisão (a) Fernando Barron.

A medalha militar, ambição suprema de todos os bravos!

* * *

Lembram-se de «O pequeno tamborinho sardo», aquele conto formosíssimo do livro «Corações», de Amicis? Termina assim:

O veterano da guerra presta a continência ao jovem soldadito que, amputado duma perna, jaz numa cama de hospital.

—Que faz, meu capitão?! E' para mim essa continência?

E o velho militar, escondendo lagrimas rebeldes, responde ao subordinado:

—Não sou mais que um pobre capitão. E tu, meu rapaz, és um herói... X. Y. Z.

A venda do vapor «Luanda»

Deve seguir amanhã para Genebra o velho vapor «Luanda», construído há 38 anos, que a Companhia Colonial de Navegação vendeu à casa italiana Ditto Luigi Pittaluga. Os marinheiros italianos que vêm buscar o barco, que ontem foi entregue à agência Pinto Basto, entraram esta manhã para o «Luanda». Segundo as nossas informações, o antigo navio da carreira de África, logo que chegue a Genova, será desmanchado para aproveitamento dos metais.

A VII VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

O ultimo dia de descanso foi hoje em Guimarães

A luta vai decidir-se, por forma renhida, nas ultimas tiradas

(Do nosso enviado especial)

GUIMARAES, 17.—(Pelo telefone).—Na mata que circunda o convento de S. Tiago da Costa, a meio da encosta que nos conduz ao monte da Senhora da Penha, lugar de deslumbramento, onde a vista se perde em paisagens de sonho, realizou-se hoje o almoço da caravana que está fazendo a Volta.

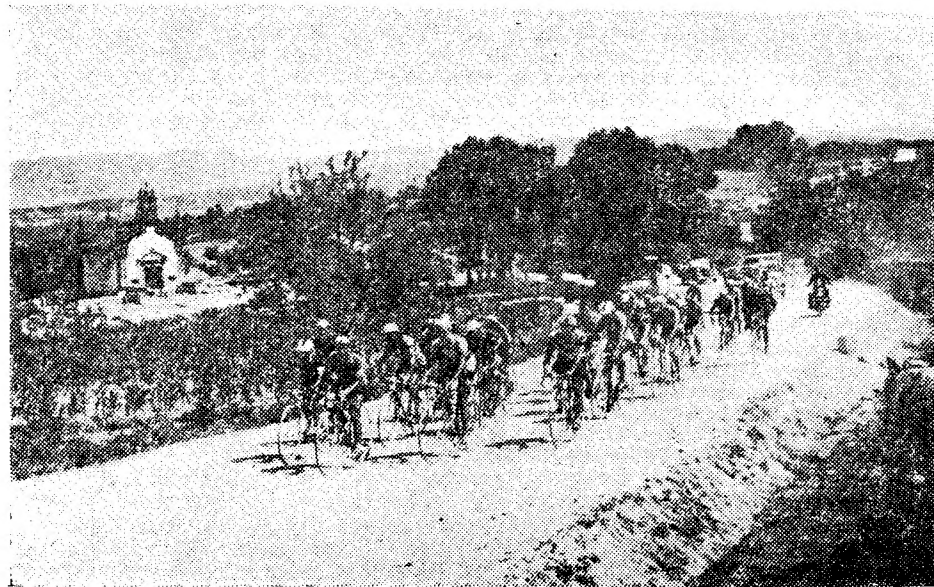
Escusado será afirmar que o almoço deu aso a momentos de alegria e camaradagem, e que se trocaram ditos de espirito, de corredor para corredor, de clube para clube.

A presença de gentis raparigas de Guimarães, com garridos trajes do Minho, constituiu uma nota de cor e encantamento.

No fim, surgiram os harmonios regionais e improvisou-se um baile popular em que os corredores se mostraram satisfeitos e «bons bailadores», inteiramente esquecidos do penoso esforço a que têm sido submetidos—e que continuará amanhã...

Só o homem da «camisola amarela», alheio à alegria, mas «dizendo» o seu sonho, se conservou afastado, embora sorridente. E' que ele compreende perfeitamente que todas as energias lhe serão necessárias, porque o ataque que lhe vão fazer os homens que o seguem na classificação, será violento e esgotante.

Ha, porém, uma coisa que «Faisca» tem em alto grau: um desejo de lutar e de vencer, que se adivinha nas mais pequenas atitudes.



A alguns quilómetros de Chaves, o pelotão segue em bom andamento comandado por Joaquim Manique

Depois do almoço de hoje, servido em mesas ao redor dum grande tanque, onde a água cai, sucessivamente, cantou-se e dansou-se animadamente.

Manique, o homem de Bucelas, continuou a ser o grande animador, juntamente com Carlos Ribeiro, da Emisora Nacional.

Demos, ao microfone, as nossas im-

pressões da VII Volta, focando o seu ultimo aspecto desportivo e turístico.

Os corredores e os seus acompanhantes dirigiram-se em seguida à Penha, onde estiveram algum tempo.

Após a noite de hoje, começará a longa caminhada...

E' certo que a tirada de ontem teve pouca emoção e beleza desportiva, pois os corredores só se resolveram a «puxar» entre Braga e Guimarães, após a queda desastrosa de Nicolau, a que nos referimos.

O campeão do Benfica afirmou, ao chegar à meta de Guimarães que, em toda a sua carreira de corredor, nunca tinha dado uma queda («palhaça», como ele lhe chamou) tão grande. Deve ser verdade. Vimo-lo cair: embrulhou-se com a bicicleta—e a queda teve qualquer coisa de brutal. Quando Nicolau se levantou, tinha a cara coberta de sangue e as pernas retalhadas. Mas o «velho» atleta, demonstrando a sua fibra, não pensou senão em correr atrás dos seus afortunados companheiros da «Volta», que já desapareciam ao cimo da estrada.

Nesta tirada só houve, verdadeiramente, luta num pedaço de estrada. Nas tiradas que se seguem, haverá, certamente, luta em todos os momentos...

TAVARES DA SILVA

A classificação geral

José Albuquerque, o quasi desconhecido ciclista que o Campo de Ourique mandou à prova, continua de posse da «camisola amarela», sendo as seguintes as diferenças que separam os mais proximos do «leader»:

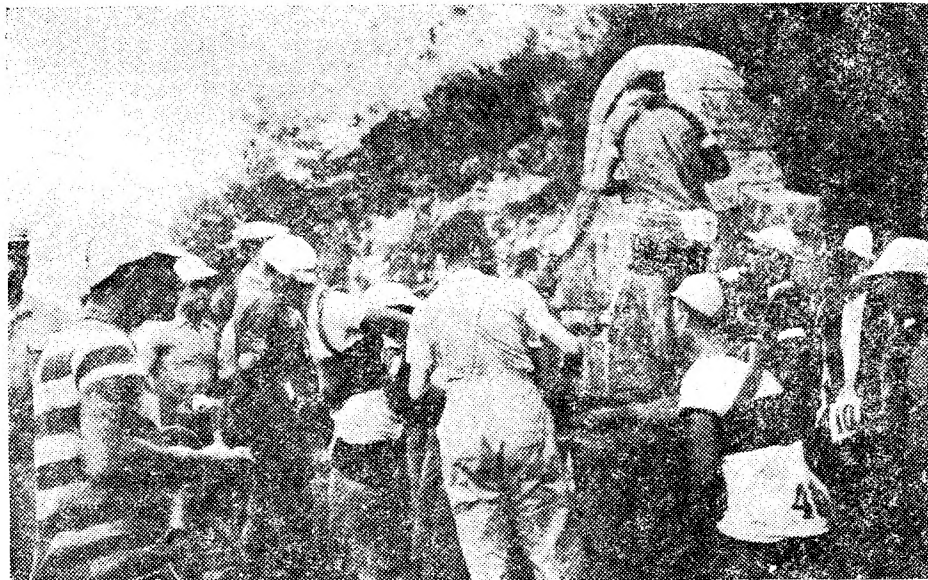
	H. M. S.
Filipe de Melo	— 10 18
Joaquim Fernandes	— 13 56
Aguiar Martins	— 14 27
Manique	— 21 48
Idelfonso	— 23 8
Bartolomeu	— 29 44
Noé	— 31 56
Nicolau	— 48 27
Faria	— 51 59
Cesar Luiz	— 52 32
Nunes de Almeida	— 59 52
Barbosa	1 15 9
Amaral	1 19 25
Balreira	1 21 34

(A «Volta a Portugal» em bicicleta é organizada pelos jornais «Diário de Notícias» e «Os Sports»).

Outro dia de repouso. Mais uma excelente oportunidade para se verificar a superioridade do Atum MASCOTE, cuja fama ultrapassa as nossas fronteiras.

A nossa reportagem grafica

Na reportagem grafica da «Volta a Portugal», o «Diário de Lisboa» só usa películas Gevaert, a marca que tem dado melhores provas, e de que é representante em Portugal a Casa Garcez, Lda, do Chiado.



Uma paragem durante a tirada Fafe-Chaves. Toda a caravana pára para beber agua. A ordem é a seguinte: Ninguém pode fugir...

A minoria alemã na Checo-Eslovaquia

Um artigo de Henlein sobre a juventude sudeta

PRAGA, 17.—Conrad Henlein escreveu um artigo no jornal oficial das juventudes nacionais socialistas. Aludindo às preocupações que a organização politica dos sudetas causam as grandes potencias, diz:

«Procura-se sempre esquecer que é impossível «chequizar» (sic) três milhões e meio de alemães que vivem na região dos sudetas, reduzi-los à miséria, tirar-lhes as terras que lhes pertencem e privá-los do sentimento dum alto germanismo».

Seguidamente exalta a juventude sudeta que, como a do Reich, deseja a paz, o que provou por meio duma inabalável disciplina, «a qual só se pode realmente apreciar quando se conhece a revolta daquela juventude contra o «sistema» actual e sofrimentos sem nome que o dominio estrangeiro lhe impõe. A juventude sudeta—afirma—contribue duma maneira unica para a paz da Europa, ao ligar o seu destino às juventudes de outros povos com as quais assumirá, de futuro, a responsabilidade naquela região da Europa».

Henlein declara depois que é impossível retirar à juventude sudeta o «seu direito à vida nacional». «Toda a

concepção que pretende fazer da Checo-Eslovaquia um instrumento da politica de força contra a Alemanha é inconciliável com a tentativa de fazer da comunidade alemã dos sudetas um apoio daquele Estado. A juventude sudeta—conclue—trilha o aspero caminho da vida animada de vontade construtiva (e não destrutiva) e resolvida a lutar em prol dos seus direitos naturais para uma vida penetrada da crença nas virtudes do sangue e da concepção nacional socialista do mundo».—(Havas).

Os fins atribuidos à «Legião» sudeta

PRAGA, 17.—O «Narodny Noviny», órgão da direita, escreve: «Foi constituida na Alemanha a «Legião» sudeta, cujos fins são analogos aos da «Legião» austriaca. Compreende 8 regimentos, dirigidos por um tal Krebs, ex-secretario do partido nacional-socialista checo-eslovaco, hoje refugiado na Alemanha».

A «Legião» sudeta deve penetrar na Checo-Eslovaquia no momento em que o exercito alemão marchar para este país: servirá de informador no país ocupado eventualmente pelo exercito alemão».—(Havas).

TAUROMAQUIA

Mais uma brilhante festa de campinagem em Santarém

Santarém, a cidade criadora das festas de campinagem, é a única que as mantém e realiza, oferece no domingo próximo mais um desses festivais de cor, destreza, arte e valentia, que, para muitas centenas de aficionados, têm mais emoção do que propriamente as corridas de touros. De facto, nada mais apertado do que o domínio, em campo raso, de um touro, pela perícia e pelo pampinho do campino. Mas em Santarém há mais do que isto, porque é terra de aficionados entusiasmados; são muitos os que saltam ao campo a defrontar-se com os touros, divertindo-se e divertindo o publico, que dispõe de esplendidos e baratos lugares: 1550 nos peões e 5500 no pavilhão.

Como de costume, as provas de campinagem são precedidas duma entrada de touros, entre numerosos campinos amadores e profissionais, com os seus trajes de rigor. Depois, há as provas, em que o melhor campino profissional será premiado com cem escudos e o melhor campino amador com um objecto de arte de valor grande. Há também bons prémios em dinheiro para a melhor pega, e todos os touros serão pegados, excepto o ultimo que sairá em pontas e será lidado pelo destemido toureiro amador sr. João Malhou da Costa.

Os touros da entrada são do sr. Antonio Teixeira, de Coruche, e os 5 da campinagem são dos lavradores Prudência da Silva Santos, Terré & Terré e Vaz Monteiro.

O festival taurino a favor de «Invalidos do Comercio»

A praça do Campo Pequeno vai registar na noite de 25 o seu primeiro «Pleno rebosante». O cartaz está primorosamente organizado e o fim de festa merece o carinho de todos os portugueses. «Invalidos do Comercio» necessitam de uma enfermaria para os seus internados e a enfermaria surgirá do produto do festival.

Luiz Castro, «El Soldado», o famoso matador mexicano, lidará dois touros em pontas e D. Francisco Mascarenhas sairá a farpear dois novilhos—touros com aquela galhardia e valor que sãoapanagio dos fidalgos toureiros portugueses.

E os touros e os garraios vêm duma ganadaria onde existe temperamento e casta. E a banda da Carris amenizará o espectáculo com um concerto de musica selecta.

E os «Xiras» de Vila Franca levarão a nota hilariante.

E os preços são acessíveis a todos, para que ninguém deixe de auxiliar «Invalidos do Comercio».

NOTICIAS DA MURTOSA

Novo presbitero

MURTOSA, 16.—Cantou no passado domingo a sua missa nova na igreja matriz da freguesia de Bunheiro, deste concelho o padre Manuel Valente de Almeida e Silva, natural daquela freguesia e ordenado pelo Seminário Episcopal do Porto.

O acto revestiu-se de toda a simplicidade, sendo a missa acompanhada a órgão e cantada por um coro de raparigas da J. O. C. F. Prégou ao Evangelho o reverendo Antonio de Abreu Freire. No fim do acto religioso foi a cerimonia do beija-mão. Em casa da familia do novo sacerdote efectuou-se um jantar, a que assistiram alguns colegas do novo presbitero.

—Vão bastante adiantadas as obras de restauro da igreja matriz desta freguesia, feitas a expensas da Comissão Fabriqueira do Culto, sob a direcção do reverendo padre Miguel Henriques, digno paroco desta vila.

—A Junta de Freguesia da Murtosa vai brevemente iniciar as obras de reparação na Praça do Peixe Tavares Gravato. Será feita a canalização de aguas na mesma praça, obras que há muito se impunham.

—Em sua ultima sessão, a Camara Municipal tomou as seguintes deliberações: conceder o subsídio de 2.000\$00 para as festas concelhias do S. Paio da Torreira; mandar imprimir o regulamento do Matadouro Municipal, recentemente aprovado pela Direcção Geral de Pecuaria; tomar medidas tendentes a regularizar a apresentação de plantas para construções de edificios, quem tem competencia para as passar e bem assim as normas a que tem de obedecer todos os edificios, nos seus alinhamentos com estradas e caminhos.

—Já se estão a realizar as colheitas do milho. Tem-se registado uma fraca colheita, o que bastante vem agravar a situação economica do nosso lavrador. Para isto contribuiu o tempo bastante seco que fez nesta região, e que continua.

Juramento de legionarios

SEIA, 16.—Decorreram com grande animação as festas do juramento de bandeira dos legionarios deste concelho, que constaram de varias cerimoniaes, dentre as quais se destacaram uma romagem ao cemiterio, um desfile de legionarios, exercicios militares, um bado aos pobres e uma meecenda de confraternização.

Queda grave

SANTA CRUZ DO DOURO (Baião), 16.—Deu uma queda dum muro e ficou com graves lesões internas o serrador Eduardo Cabo de Fira, morador no lugar de Passos, na freguesia de Santa Marinha do Zêzere, que ali se foi colocar, depois dum lauto almoço regado com abundante vinho.

Noticias de Murça

MURÇA, 14.—Constou nesta vila que as três freguesias de Murça, Moura e Candido, deste concelho iam deixar de fazer parte da região dos vinhos generosos do Douro e ficariam, com as demais deste mesmo concelho, integradas na região dos vinhos virgens!

Noticia tão alarmante, que, a ser verdadeira, traria a miséria para estes povos, provocou uma reunião na Camara Municipal dos respectivos viticultores, em que foi nomeada uma deputação de 20 maiores proprietarios para ir á «Casa do Douro» tratar deste momentoso assunto.

A-pesar de ontem ter ido á Regua para tal fim, não lhe foi possível chegar a tempo de se avistar com os directores daquele organismo, de quem esperam toda a justiça; mas, por indicação dos respectivos empregados, ficou resolvido voltar ali na quarta-feira da corrente semana, para então ser tratado tão importante caso, no qual também se acham interessadas as casas exportadoras que não podem prescindir dos vinhos brancos desta região, onde já os adquirem desde tempos imemoriaes e que tão bons vinhos do Porto têm produzido.

—Decorrem com toda a rapidez possível, os trabalhos de colocação dos postes e fios para a instalação dos aparelhos telefonicos entre Vila Real e Bragança, devendo ficar colocados na corrente semana. Aguarda-se com ansiedade que a «cabine» respectiva comece em breve a funcionar nesta vila.

Noticias de Paços de Ferreira

As festas da Assunção

PAÇOS DE FERREIRA, 16.—Nos dias 14 e 15 realizaram-se, as festas tradicionais da Assunção, no monte do Pilar—o sitio mais pitoresco de Paços de Ferreira. Estas festas e romarias são das maiores que se efectuam, durante o ano, neste concelho.

O sr. dr. Antonio H. de G. Meireles, venerando bispo do Porto, presidiu ás cerimoniaes liturgicas e abençoou a primeira pedra que vai ser lançada para um monumento a Cristo-Rei. No Monte de Vilar, tenta-se agora, pelo auxilio do Estado e pelo concurso dos particulares, fazer desse monte uma beleza para Paços de Ferreira, plantando um jardim, erigindo estatuas, etc.

O sr. Justino Alão publicou um livro, com anedotas e realidades ligadas ao referido monte, para custear as despesas.

Noticias de Barcelos

Vitimas de agressão

BARCELOS, 16.—O regedor da freguesia de S. Romão da Ucha deste concelho, prendeu Manuel Pereira de Macedo, casado, de 50 anos de idade, que na noite de domingo para segunda-feira agrediu á distancia de dois metros, com uma espingarda caçadeira, Antonio Fernandes Martins, solteiro, de 35 anos de idade, também residente na freguesia da Ucha que, conduzido ao hospital desta cidade, ali morreu pouco depois.

Diz-se que o crime foi originado pelo facto de a vitima ter ido munida dum pau bater a uma porta onde se encontrava o agressor a guardar um melancial, para perguntar se o pai deste se encontrava em casa. Também corre a versão de que o agressor não via com bons olhos a vitima por se dizer na freguesia que o Martins mantinha relações com a mulher do Macedo, embora isso fôsse mentira. A vitima foi ontem autopsiada pelos medicos srs. drs. Francisco Torres e Adelino Marinho Carvalho da Silva.

—Pela autoridade administrativa foi hoje entregue ao Tribunal, tendo já dado entrada na cadeia, Braz da Silva, casado, de 29 anos de idade, residente na freguesia de Aldreu, deste concelho que ontem, por volta das 22 horas, ao regressar duma festa que se realizou na freguesia dos Feitos, agrediu á facada, por um motivo futil, Antonio Alves de Oliveira, casado, alfaiate, residente na freguesia dos Feitos, que deu entrada no hospital desta cidade em perigo de vida, com dois ferimentos no ventre e um nas costas.

Uma regata internacional

na baía do Tamariz

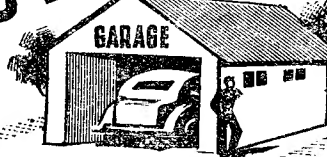
Nos proximos dias 28, 29 e 30, a «Mocidade Portuguesa» leva a effecto, na baía do Tamariz, no Estoril, a primeira regata internacional de vela, em chalupas de meio convés (monotipos «Lusitos»).

Foram convidados a fazer-se representar os seguintes países: Inglaterra, França, Italia, Espanha, Dinamarca e Alemanha.

POR 5\$00

Semanais, todos podem adquirir Relogios de todas as marcas, joias e objectos em prata, inscrevendo-se já, no sistema de Vendas a Prestações, com Bonus em todas as lotarias, prazo de pagamento 30 semanas, podendo o objecto ser adquirido á primeira prestação somente por 5\$00. E. de Sousa Torralis, Rua de S. Paulo, 107. Tel. 26548.

A SUA GARAGEM NÃO É UMA ESTACÃO DE SERVIÇO



Nem poderá sê-lo. A assistência a prestar a um automóvel deve ser feita por casas da especialidade e que para isso foram criadas. A Estação de Serviço equipada de aparelhagem custosa e variada, como a que possuímos, poderá dar a V. Ex. a assistência de que necessita.

Quando desejar tratar do seu carro procure-nos e verificará que temos razão no que afirmamos.

ESTACÃO DE SERVIÇO AUTO-TRIUNFO

Rua de Santa Marta, 206 Tel. 4 8336

Para refrigeração comercial e industrial

BARS



Balcões frigoríficos FRIGIDO para refrigeração de cerveja, soda e água. Orifícios refrigeradores para garrafas. Conservadores de gelados e vasos com bomba para xaropes, etc.

HOTEIS



Câmaras independentes e armários frigoríficos FRIGIDO com compartimentos separados para peixe, carne, legumes e garrafas. Conservadores de gelados, fabricação de gelo e refrigeração de água, etc.

CHARCUTERIES



Vitrines, balcões e móveis FRIGIDO com porta de vidro e divisões independentes apropriadas para os vários produtos de charcuterie, tais como salsichas, galantines, foie-gras, salames, etc.

TALHOS



Móveis de diferentes modelos e câmaras frigoríficas FRIGIDO com circulação por densidade ou forçada, desenhados para manterem uma temperatura e humidade relativa ideal, etc.

As mais importantes e maiores instalações frigoríficas automáticas de Portugal são FRIGIDO.

ESTAMOS A SUA DISPOSIÇÃO PARA RESOLVER QUALQUER PROBLEMA DE REFRIGERAÇÃO COMERCIAL INDUSTRIAL OU DE CLIMA ARTIFICIAL.

refrigeração-refrigeração-refrigeração

FRIGIDO

CARRASQUEIRO & TEIXEIRA, LTDA.

LISBOA - Av. 5 d'Outubro, 175—PÓRTO - R. Cândido dos Reis, 42

Não seja preguiçoso
experimente o Atacador
DUPLOS
o mais pratico e economico

ESTRANGEIRO

Brandy Borges
com água gasosa
ou mineral é um ape-
ritivo agradável,
económico e alta-
mente tónico.

Descoberta macabra Declarou-se incendio

CLEVELAND, 17.—A Polícia desco-
briu o cadaver duma mulher, corta-
do em pedaços, que estava escondido
debaixo dum bloco de argamassa no
campo. A Polícia cre que se trata da
11.ª vítima duma série de assassinios
cometidos de ha anos para cá pelo
mesmo criminoso. A Polícia descobriu
no mesmo campo os restos d'outra
mulher. Esta devia ter sido assassi-
nada antes da outra, cujo assassinio
devia ter sido praticado ha três sema-
nas. — (Havas).

BEIRUTE, 17.—Dizem de Damasco
que a noite passada se declarou um
incendio num deposito de munições na
aldeia de Mezze, nos arredores de Da-
masco. Explodiu uma grande quanti-
dade de milinite, comunicando-se o fo-
go aos edificios vizinhos. Como re-
ceassem que o incendio atingisse o de-
posito central de munições, as autori-
dades mandaram evacuar a aldeia. O
incendio foi, porém, dominado cerca de
1 e 30, limitando-se os estragos a qua-
tro edificios destruidos. Não houve vi-
timas. — (Havas).

Chegou a Tequio

uma delegação da Juventude alemã
TOQUIO, 17.—A delegação das Ju-
ventudes hitlerianas chegou aqui esta
manhã, sendo vivamente saudada pe-
las Juventudes japonesas e pela po-
pulação da capital. Esta tarde o vice-
ministro dos Cultos, Ato, e o chefe de
distrito nacional-socialista, Schulze,
pronunciaram discursos radiodifundi-
dos. — (D. N. B.).

Depois de Anschluss

Juizes condenados
GRAZ, 17.—O dr. Zigenauer, antigo
presidente do tribunal de Klagenfurt,
e dois juizes, um de Leoben e outro
de Klagenfurt, foram destituídos das
suas funções sem direito a qualquer
pensão, por terem condenado a morte
durante o governo de Schuschnigg
vários membros do partido nacional
socialista. — (Havas).

A união dos eslovacos para a defesa da nação

PRAGA, 17.—Por ocasião do aniver-
sario das prisões em massa efectuadas
pela policia hungara, em 1908, na al-
deia de Hochstetno (Eslovaquia), o
ministro da Justiça declarou:
«Se estivermos unidos, nenhum ini-
migo se arriscará a atacar-nos. Fare-
mos tudo para manter a paz, mas te-
mos o dever moral de conservar o que
os nossos legionarios conquistaram.
Aqueles que na Eslovaquia se coloca-
ram ao lado de Esterhazy Scullo e ao
lado dos que ha 20 e 30 anos fizeram
fogo sobre nós, sofrerão as consequen-
cias. O governo não deve ser indulgen-
te com os traidores». — (Havas).

Partiu para a America

o secretario da C. G. T. francesa
PARIS, 17.—Com rumo a Nova York,
partiu a bordo do transatlantico «Pa-
ris», o secretario da Confederação Ge-
ral do Trabalho francesa, Léon Jou-
haux.
Antes de embarcar declarou que ia
representar a Confederação francesa
no congresso da organização sindical,
que se realiza no Mexico.

Durante a sua permanencia nos Es-
tados Unidos, Jouhaux estudará a or-
ganização sindical, naquele país, tra-
tando, tambem, do problema da paz
mundial, para o que realizará algumas
conferencias. — (United Press).

Leiam hoje o jornal humoristico SEMPRE
FIXE.

NOTICIAS DO BRASIL

Homenagem na Faculdade de Direito

RIO DE JANEIRO, 17.—A Faculda-
de de Direito prestou ontem uma gran-
de homenagem oficial, no salão de
honra do Instituto dos Advogados, aos
drs. Oswaldo Aranha, ministro das
Relações Exteriores; dr. Macedo Soa-
res, ex-titular da mesma pasta e Ro-
drigues Alves, embaixador do Brasil
em Buenos Aires. Foi uma autentica
consagração da obra e das personali-
dades dos homenageados, como diplo-
matas, como juristas e como doutores
de prestigio internacional do Brasil.

Um grupo de nazis

agrediu dois polacos
VARSOVIA, 17.—De Dantzig in-
formam ao «I. K. C.» que 60 nazis,
devidamente uniformizados, atacaram
e maltrataram dois rapazes polacos
por não terem saudado a bandeira
da cruz gamada. Por outro lado, o
mesmo jornal anuncia que o chefe dos
fascistas da Ucrania passou alguns
dias em Dantzig e que a colaboração
dos nacionalistas ucranianos e dos
nacionalistas socialistas de Dantzig tor-
na-se cada vez mais estreita. — (H.).

Chás e cafés

De 1.ª qualidade, puros e lota-
dos, encontra-os V. Ex.ª na
PÉROLA DO ROSSIO
a 5\$60, 7\$60 e 10\$00
ROSSIO, 105 Telef. 20744



PÓS DE KEATING
MASTEN OF HER KEATING

Fotografe com peli-
culas «Perutz»
ROIZ, L.D. R. N. Almada, 84

Um bom pó de arroz é preciso para a vossa pele, mas...

Para se defender a pele dos estragos que causa o tempo, é preciso cobrir o rosto com uma
camada de pó que o preserve, isto é uma coisa conhecida e reconhecida; e o pó de arroz está
naturalmente indicado e consagrado para isso.

Mas... todo o cuidado é pouco na escolha do pó que melhor convem, pois que um bom
pó de arroz deve obedecer aos seguintes requisitos:

- Ser muito fino para não impedir a transpiração.
- Ser aderente para se conservar longamente.
- Ser absorvente para enxugar as secreções expulsa pelos poros.
- Ser impermeável para defender a pele das chuvas, dos raios solares e do vento.
- Ser transparente para não dar o aspecto de um rosto caído.
- Finalmente, ser neutro para não prejudicar a acidez natural da epiderme.

Um pó com tais requisitos só foi possível obtê-lo com o emprego de materias primas cuida-
dosamente escolhidas, algumas delas desconhecidas até agora, e fabricá-lo numa maquina especial
que faz passar o pó por crivos a uma rotação de 7.000 voltas por minuto e o assopra para um
aparelho chamado ciclone, que só aproveita a parte mais fina, impalpável.

A Zinalia apresenta os seus pós fabricados por este processo ultra-moderno e com formulas
estudadas, de que conserva o segredo, e apresenta ao publico os seus pós de arroz.

Pó de arroz BELACUTIS, para peles delicadas, um autentico produto de beleza, o melhor
que se fabrica.

Pó de arroz ZINALIA, para todas as peles, finissimo.

Pó de arroz FORPLEX, pó para toda a gente, que é vendido em pacotes de ensaio para
generalizar este produto indispensavel á beleza.

Vendem-se em todas as Perfumarias e na Zinalia. Rua Augusta, 180—Lisboa.



CERA
"GALO"

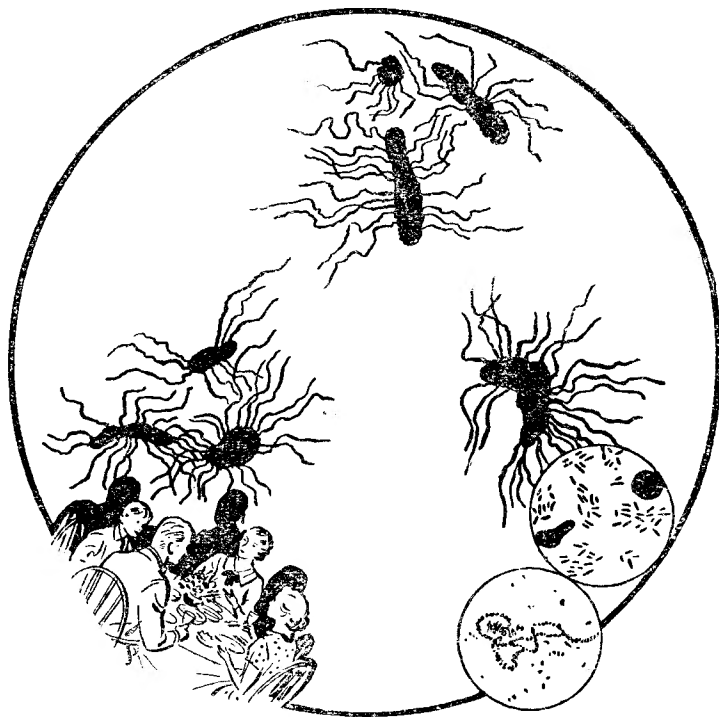
A MELHOR
CERA PARA
SOALHOS

Aroma
agradavel
Brilho
Inexcedivel

Peça esta cera ideal ao seu habitual fornecedor
União Industrial Graxas Lda. Av. 24 de Julho n.º 16 — Lisboa — Tel. 21348
Agencia no Porto: Rua Passos Manuel, 195 — Telef. 6 807

OS MICROBIOS

ameaçam a sua saúde!



Defenda-se deles conservando os alimentos sem-
pre saos e frescos num frigorifico de confiança:

num
Frigidaire

Peça o nosso catalogo e o plano de

VENDAS A PRESTAÇÕES

AVISO—Quando for comprar um FRIGIDAIRE repare se tem esta
marca



Se não a tiver não é FRIGIDAIRE legitimo

DINIZ M. D ALMEIDA

Avenida da Liberdade, 216

STAND BUICK

CONTRA O CALOR

Bebam os VINHOS VERDES da Real Companhia, A' venda em todos os bons estabelecimentos e na Filial de Lisboa, Rua do Alecrim, 119

Telefone 22556

PREÇO DO MERCADO

ULTIMAS NOTICIAS

EXAMES

O melhor brinde

Um bom relógio da

RELOJOARIA

AGUIA D'OURO

194 — Rua do Ouro — 194

O MOMENTO INTERNACIONAL

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

A atitude dos Estados Unidos A superioridade dos nacionalistas

modifica-se em relação às questões da Europa confirmou-se ultimamente no sector de Albarracín

NOVA YORK, 17.—O «New York Times» escreve, a propósito do discurso radiodifundido de Hull:

«A sua grande importância reside no facto de que foi pronunciado no momento próprio. Aproveitando a ocasião para tornar a expor a atitude dos Estados Unidos, em face dos acontecimentos mundiais, Hull escolheu o momento em que a tensão europeia atinge o seu ponto culminante. Tudo quanto Hull disse relaciona-se com a crise da Europa e representa um esforço dos Estados Unidos para a solução da referida crise».

«A sua maneira—continua—o discurso de Hull equivale ao envio de lord Runciman a Praga. O facto de Hull ter esperado pelo regresso de Roosevelt a Washington dá um carácter oficial ao seu discurso. Hull voltou a afirmar os seus princípios, que se tornam mais claros e mais definitivos. Não é possível nenhum engano. O que o discurso implica, constitui um novo passo no sentido do abandono do isolamento e uma evolução gradual de princípios para um programa de acção. O que Hull disse pode ser tomado como uma opinião significativa de que os Estados Unidos estão em via de modificar a sua atitude».

O «Herald Tribune», escreve: «Que devem pensar daquele discurso os europeus de armas apertadas e os americanos, que raramente se encontram preparados para tratar os assuntos internacionais? Qual é o seu significado real? Sabê-lo-á o próprio Hull?» —(Havas)

Malifax visitou Chamberlain

LONDRES, 17.—Lord Halifax visitou esta manhã Chamberlain, com quem conferenciou sobre a situação externa.—(Havas)

As conferências dos sudetas com Runciman

PRAGA, 17.—As entrevistas entre a delegação do partido dos alemães dos sudetas e lord Runciman terminaram ontem à meia-noite. A delegação recomençará hoje as suas conversações com o governo.—(D. N. B.)

Os comentários ingleses à situação são muito divergentes

LONDRES, 17.—Os jornais continuam a comentar largamente as manobras alemãs e a interessarem-se pela questão checa.

O «Daily Express», conservador-isolacionista, diz: «Atacam-nos o «Manchester Guardian» e outros jornais. Porquê? Anunciam esses jornais que a guerra é inevitável e esforçam-se por nos comunicar o seu próprio pânico. O nosso jornal, porém, há 3 anos que anuncia a paz. Portanto, há 3 anos que temos razão».

O «Manchester Guardian» publica hoje um longo artigo sobre os probabilidades de paz e guerra.

«Ha em Berlim, diz, uma corrente que se pode chamar o partido da guerra, crente que a Alemanha pode correr o risco duma guerra com a Checo-Eslováquia. Hitler, possivelmente, ainda se decidirá por uma solução temporária, contra amplas concessões de Praga aos sudetas. Ha, porém, oficiais alemães de alta patente que não estão convencidos de que o desfecho da guerra seja favorável à Alemanha». Nota que os partidários da guerra alemães estão convencidos de que as obras defensivas de oeste conterão os ataques franceses até que a Checo-Eslováquia seja esmagada.

O mesmo jornal observa que tanto Londres como Paris têm muitas dúvidas sobre a política polaca. Afirma que em Varsóvia se discutiu seriamente a eventualidade de a Polónia concorrer, com a Hungria e o Reich, para a partilha daquele país. Pelo que diz respeito à Rússia, declara que Lon-



CORDELL HULL

dres e Paris pensam que não poderá ter papel decisivo num conflito europeu em vista de estar longe e do estado miserável das suas comunicações e dos seus transportes. Referindo-se à situação interna da Alemanha, diz: «As prisões nas fabricas são incessantes. Os homens desaparecem sem que ninguém, mesmo os parentes, saibam porquê. Hitler e os seus socios têm de reflectir noutras conquistas e, se a da Checo-Eslováquia se fizesse rapidamente, justificaria o novo Exército».—(Havas)

A imprensa francesa continua alarmada

PARIS, 17.—A imprensa continua a preocupar-se com as manobras alemãs.

«L'Epoque» escreve: «Digamos aos alemães: nós, franceses, temos sede de paz, mas queremos viver livres na Europa livre; se pegardes em armas, levantar-nos-emos como um só homem e galvanizaremos com o nosso heroísmo o mundo inteiro contra vós! Reflecti! Tende isto bem presente na memória! O golpe deu resultado em 21 de maio e dará ainda resultado, sob condição de que se disponham solidamente os nervos e o moral do nosso povo».

O «Figaro» diz: «Nada se compreende da política hitleriana se se esquecer que periodicamente e com intervalos mais ou menos curtos é necessário que o regime encontre temas de excitação, que, «piquem» a sensibilidade quando dá alguns sinais de cansaço; mas o «ensaio geral» de verdadeira mobilização é tema que sirva ou prejudique o prestígio interno do III Reich? Há ainda muitos alemães que creiam numa guerra alegre?».

O «Petit Journal» escreve: «Todo o Reich se encontra em estado de alerta. De que se trata? E' um novo «bluff» sensacional e também naturalmente uma «gaffe» sensacional. Nem Londres nem Paris cederão à «chantage» da guerra. Há um certo numero de nações pequenas ou grandes no velho mundo que acolheram com alegria o ressurgimento e o reagrupamento queridos por Chamberlain. E eis que mais uma vez ainda a grande voz da opinião publica dos Estados Unidos se ergue, para declarar que o Novo Mundo não tolerará as violências repetidas dos regimes autoritários».—(Havas)

SARAGOÇA, 17.—(Do enviado especial da United Press):

Os ataques dos vermelhos continuam a malograr-se, em todos os sectores. A' aventura do rio Ebro, que teve para os vermelhos características de verdadeira catástrofe junta-se, agora, a nova derrota no sector de Albarracín, onde os movimentos das tropas vermelhas pretenderam alterar as linhas nacionalistas.

A 1.600 metros de altitude, em montes Universais, travaram-se duríssimos combates, entre as forças nacionalistas e os atacantes vermelhos.

Estes, supondo que não eram vigiados, haviam-se infiltrado nas linhas nacionalistas.

Mas as tropas de Varela vigiavam os movimentos inimigos, naquelas alturas, permitindo-lhes o infiltramento, para o ajuste final de contas. Foi então que, num rápido movimento estratégico, as tropas nacionalistas cortaram a retirada aos vermelhos, cercandolhes os caminhos por onde se haviam infiltrado.

A aventura dos vermelhos redundou numa derrota, a semelhança do que, anteriormente já acontecera em Teruel e Guadalajara.

Os vermelhos perderam abundante material de guerra, tendo sofrido muitas baixas.

Deste modo as derrotas do Segre e do Ebro ha acrescentar a dos Montes Universais que revela, mais uma vez, a perfeita vigilância e estratégia das tropas nacionalistas.

A actividade belica nos sectores de Estremadura e do Ebro diminuiu sensivelmente de intensidade.

A marcha das operações

SALAMANCA, 17.—As informações oficiais dizem que as tropas fizeram um violento ataque no sector de Albarracín. Foram ocupadas as posições do inimigo perto de Cesadilla, de forma que a margem direita do Tejo se encontra agora inteiramente nas mãos do exercito. Foram enterrados duzentos e cinquenta e cinco cadáveres do inimigo.

Na frente da Estremadura, as tropas de Saliquet continuaram o seu avanço nos montes de Chimenea (sector de Valdecaballeros), onde um grande numero de milicianos vermelhos desertou para as linhas nacionais. Um ataque inimigo em Zarza Capilla, no sector de Cabeza del Buey, foi repellido.

Na frente de Valencia, as avançadas das tropas nacionalistas desenvolveram uma grande actividade no terreno situado em frente das posições do sector de Salada.

Os aviões bombardearam, na noite de 15 de agosto, objectivos militares em Valencia, Barcelona e Alicante. As forças aéreas atacaram também o porto de Barcelona, assim como um deposito de gasolina e objectivos militares em Barcelona e o porto de Illajoyosa.—(D. N. B.)

Dezenas de milhares de mortos nas tentativas de ataque dos vermelhos

BILBAU, 17.—Devido às falsas notícias espalhadas pelos dirigentes de Barcelona sobre pretensos exitos da ofensiva vermelha na frente do Ebro, a imprensa nacionalista publica os seguintes pormenores sobre as tentativas de ofensiva executadas até agora pelos vermelhos:

Os ataques dos vermelhos para a posse de Oviedo, que duraram mais de um ano, traduziram-se, para as unidades marxistas, numa perda de oitenta mil homens, entre os quais trinta e um mil mortos. A ofensiva contra Villa Real, na frente da Biscaia, custou aos vermelhos dez mil mortos e vinte e cinco mil feridos. A ofensiva

contra Brunete custou, aos vermelhos, oito mil e quinhentos mortos e mais de vinte mil feridos. A tomada de Belchite causou aos vermelhos a perda de vinte e cinco mil homens, mortos e feridos. Quando do ataque massivo contra Teruel, os vermelhos perderam doze mil e quinhentos milicianos e vinte e quatro mil feridos. A ofensiva bolchevista na frente do Ebro causou-lhes até agora uma perda de vinte e cinco mil homens.—(D. N. B.)

O armamento estrangeiro apreendido aos vermelhos

BERLIM, 17.—A divisão do material de guerra de proveniencia estrangeira apreendido pelas tropas de Franco que acaba de ser publicada pelos meios oficiais espanhóis, é muito comentada pela imprensa alemã.

O «Berliner Lokal Anzeiger» escreve que esta lista acusa as potencias em questão e demonstra a responsabilidade enorme que elas assumiram para com o resto da Europa. «O exercito vermelho, que é armado e mantido no Ebro e na Catalunha—acrescenta—não obedece senão às ordens de Moscova. Este exercito não é senão o exercito do bolchevismo que faz a guerra no ocidente, hoje em Espanha e amanhã noutro lado, com a pólvora e os aviões de combate franceses, ingleses e americanos, com os canhões e os oficiais do exercito sovietico. Se, a pesar de todos estes esforços, a revolução mundial não pôde conquistar a Espanha, e se Moscova, partindo de Espanha, não pôde ainda atacar outro país, é só devido ao general Franco e aos seus soldados».—(D. N. B.)

A retirada dos voluntarios

LONDRES, 17.—Os meios diplomaticos britânicos confirmam que a resposta de Franco para a retirada dos voluntarios foi entregue ontem a sir Robert Hodgson. Não se conhece todavia ainda o conteúdo da nota nem mesmo um resumo.—(Havas)

Um desmentido britânico

LONDRES, 17.—Os meios oficiais britânicos desmentem categoricamente que Mussolini tivesse comunicado a lord Perth que a Italia nunca renunciaria às bases estabelecidas nas Baleares. Lembra-se, de resto, que lord Perth está em férias há três semanas em Inglaterra.—(Havas)

Os jovens «Flechas Negras» vão a Roma

ORENSE, 17.—O chefe provincial das juventudes tradicionalistas, sr. José Quiroga, foi nomeado presidente da delegação das juventudes «flechas negras», que especialmente convidadas pelo governo de Roma serão hospedes do acampamento das juventudes italianas, que em breve se inauguram em Roma.—(United Press)

Missa por alma de Goded

PALMA DE MAIORCA, 17.—Realizaram-se na Catedral solenes exequias sufragando a alma do general Goded, na passagem do segundo aniversario do seu assassinio, em Barcelona.

O templo, que estava revestido de pesados crepes, encontrava-se literalmente cheio de fieis, tendo, também, assistido as autoridades locais.—(United Press)

PASSEIOS NOCTURNOS

A' Barra com escala pela TRAFARIA

Todos os dias uteis o «Norte Expresso» parte do T. do Paço às 21 e 50

Ida e volta á BARRA, 5\$00.

Ida e volta á TRAFARIA, 1\$50.

IMPERIUM ALMOÇOS JANTARES

CHÁS-LANCHES-BANQUETES

RUA JUSTA 105

ROTEIRO DE FERIAS

De Lisboa á Nazaré em camioneta

Quem sai de Lisboa para a Nazaré pode ir embarcar ao largo de S. Domingos. Atravessa o portal do palácio Almada e toma uma camioneta. Se não é o meio de transporte mais rápido é, pelo menos, o mais pitoresco. Não digo o mais barato, para que me não julguem vendido á empresa de camionagem. Umavez na camioneta, espera-se que aquilo ande. A's vezes não anda logo. O outro dia já estava para partir quando eu vi que tinha as malas todas no chão. Gritei que esperassem. E a camioneta esperou. Mas, então, lá atrás, uma senhora idosa, uma dessas senhoras idosas vestidas de preto, tão modestas que se confundem com as paredes e os assentos das camionetas, soltou um ai de aflição e lançou-se sobre a portinhola. Tinha-se esquecido da lancheira. E' claro que a camioneta desta vez não esperou. A pobre senhora morava para a Estrela. Entretanto, as minhas bagagens haviam sido içadas para o tejadilho. A camioneta ia partir. E partiu. Partiu, sem cerimonia, através daquele portal de onde outrora partiram os restauradores de Portugal...

Uma camioneta na estrada é uma diligencia em ponto grande. Não se ouvem as patas dos cavalos, nem o chicote do cocheiro, mas lá dentro vão as mesmas caras, os mesmos cestos, as mesmas garrafas para molhar a goela. Se Ramalho cá voltasse, começaria por se indignar, saudosos das suas velhas diligencias minhotas, e acabaria por compreender que afinal, entre nós, o que muda são as bestas, como dizia um cocheiro doutros tempos, a carruagem é sempre a mesma.

Esta em que eu embarquei para a Nazaré é de facto tirada por cavalos invisíveis. As bestas serão outras, lá dentro, contudo, é a mesma coisa. Quando se viaja na retaguarda, como eu viajei, nesses assentos em que as pessoas vão sentadas joelhos com joelhos e narizes com narizes, então é, sem tirar nem pôr, como quem viaja numa diligencia. Não se vê mais nada do veículo: lá para trás sente-se mais gente. Imagina-se, quem se der ao trabalho de imaginar, que o motorista vai agarrado ao volante do engenho sobre o motor que resfoja, como outrora resfojavam as velhas mulas. Mas é preciso imaginar para se crer nisso. E a velocidade, dirão? Ora, a velocidade é lá fora. Se não pusermos os olhos nas arvores e nos montes, é como se aquilo andasse a passo de mula. Mas, como vamos todos a olhar uns para os outros, não reparamos nas arvores nem nos montes. E aquilo vai de facto a passo de mula.

Visto que estamos todos a olhar uns para os outros vamos lá ver quem aqui vai. Duas ou três pessoas sem importancia. Claro que estas duas ou três pessoas sem importancia são exactamente aquelas que mais importancia se dão a si mesmas. Todos nós as conhecemos. Ainda ontem as vimos entrar num electrico como quem entra em sua casa, com gestos largos e alto vozear. Têm geralmente muitos anéis nos dedos. Tratam o condutor por tu. Lêem os jornais como quem lê a Biblia. Mas não vão só elas, graças a Deus. Vai também uma menina vestida de branco, com uma arquilha de madeira em cima dos joelhos. E' aquela menina que a mãe recomendou a toda a gente em Lisboa, com um ar de aflição: «E' a primeira vez que se despaga das minhas salas, coitadinha! Nunca andou sózinha. Os senhores fazem favor de olhar por ela, sim? Tem o tio á espera em Alcobaca. Não a vê desde pequenina... Mas ha de conhecê-la se Deus quiser! Custa-me isto, meus senhores! Mas tinha de ser! O tio pediu tanto!». Toda a gente disse que olharia pela menina. E então ela sentou-se ali muito quieta, com os olhos pequenitos, redondos e negros, a boca descaída e as mãos a agarrar a arca. A mãe viu partir a camioneta com duas lagrimas nos olhos, mas a menina ficou com os seus abertos, pequeninos, redondos e negros, e as mãos agarradas á arca, como se não tivesse mãe nem tios. E ali vai ela agora, muito calada. Quiseram tirá-lhe a arca das mãos, mas ela não deixou. Tem medo de enjorar. E então tirou dela uma garrafa cheia de agua e pôs-se a bebericar, para atrasar o en-

jão. Ainda não enjoou, mas vai pálida. Nas suas facezinhas desmaiadas só ha uma nota de vida—os olhos pequenos e negros.

Ah! mas aqui a meu lado ha coisa mais divertida. Só ouço dizer: «O' Joaquina, vais acordada? Aqui é Paris, olha!». Depois a vozita que soltou esta tremenda facecia ri. Espreito. E' um rapazinho de uns treze para catorze anos, muito magrinho, muito fininho, muito esbeltozinho, que sorri com os dentes todos fora da boca, tão regalado, tão contente, que nos apetece sorrir também. A Joaquina, contudo, que dormia, sem cerimonia, deitada no meu ombro, mexeu-se, resmungou qualquer coisa e voltou a encostar-se ao meu ombro. Mas o garoto não a largou. O garoto é divertido. Quere á força que a Joaquina, a sua criada, repare nas capitais por onde a camioneta vai passando. Acorda-a de momento a momento. A Joaquina, acaba por se enfurecer. Murmura: «Deixe-me, menino. Quero lá saber que isto seja França ou Aragão, como não faço tenção de cá ficar!». Mas o menino aproveitou a réplica e pôs-se a beliscar os braços nus da sopeira. Sou eu quem paga as favas. A Joaquina cai para cima de mim com todo o peso do seu corpo sonolento. E o menino ri. Espreito. Sempre quero ver a cara dele. Pois serão brincadeiras de criança...? Todos os olhos se fixam no menino. Ha alguns maliciosos. Ha-os também ingenuos, como os da menina da arquilha de madeira. E todos olham e calam. Mas nesta altura rompe uma cabeça do assento onde em Lisboa estava a senhora idosa que se esqueceu da lancheira. E' uma cabeça enorme, quadrada, com as orelhas arrancadas do cranio como as de um rafeiro esfo-meado. Dois olhos dolorosos e violentos se abrem sob uma testa baixa e possante. De facto, o que naquela cabeça impressiona é a solidéz desesperada, uma concentração de vida que não coube noutra parte. Não se vê mais nada. Só o pescoço e a cabeça. Mas tem-se a certeza de que aquela cabeça não pode ter corpo. Aquela cabeça é só. E' a cabeça de um decapitado. Ponho-me então a observá-la. Esqueço a criada e o menino. Mas quem os não esquece é a cabeça. Está debruçada sobre eles. Olha-os com uma fixidez concupiscente. Olha-os, olha-os sempre. De vez em quando, passa-lhe pelos tendões retesos do pescoço um fremito. Houve ali um esforço qualquer. Quis-se deslocar no assento. E' uma cabeça, a mover-se, nada mais.

Mas lá fora as arvores não param, neto o agora. A estrada, através dos grandes vidros da retaguarda, vai ficando para trás, negra e sinuosa. Ha incinios parados no alto dos montes. Ha outros que andam. E o céu parece longe por detrás desses montes. Pres-

sente-se o mar para além. Já passámos Caldas da Rainha. Entramos na estrada de S. Martinho do Porto. O oceano fica precisamente no fundo invisível atrás do corpo ondulado dos cabeços sem arvores. No ar ha uma frescura marinha.

Não tarda S. Martinho. Lá está a sua bacia azul, pequena e serena como um pequeno lago. Parece uma miniatura de praia. Ha barquinhos presos no cais. Ha crianças brincando naquela baciuzinha infantil. Mas a camioneta parou. A cabeça sem corpo que desaparecera entretanto, volta a erguer-se. Abriu-se a portinhola. Uma voz imperiosa atravessa aqueles belcos secos: «Quero descer! O' coiso! Péga aqui!». Por cima da almofada appareceu um braço enorme, herculeo. Uma garrafa surgiu brandida, como a chamar. Agora vejo de onde vinha o cheiro a aguardente. Mas na rua ha já um magote de homens. São engraxadores e marinheiros. «Cá está ele!» gritam era côro. «Se tu não havias de vir!». Mas a cabeça não responde. Vai-se deslocando, ás guinadas, no banco. Vêem-se os tendões do pescoço tensos como enxarcas. «Deixe-me sair!» volta a cabeça decepada. Uma mulata coze-se á portinhola e a cabeça desaparece. Desaparece, para apparecer daí a pouco, no chão, rastejante. E' um pedaço de corpo com uma cabeça. Nada mais.

A camioneta vai agora a caminho da Nazaré. Mas antes de chegar, a menina da arquilha de madeira empalidece mais. Fez-se de cera. Rolam-lhe os olhinhos pretos nas orbitas pequenas. Vomita, coitadinha. Ha panico no assento. Joaquina tem o avental vomitado. O menino ri, ri sempre, com os labios finos e tenros abertos e os dentes todos fora da boca. Só a menina está quieta, quieta. Tem a arquilha de madeira entre os joelhos e os olhos fechados, como para não verem.

Mas já a Nazaré está á vista. Lá vai o Alcôa correndo entre dois taludes, como um rio artificial. O mar, porém, está lá adiante, e esse não é artificial. Quando a camioneta pára na praça do mercado, cai sobre nós um cardume de banheiros. São pescadores da Nazaré, carapuça na cabeça e quadradinho de pano sobre o xadrez da camisa. Em frente de mim está o Antonio Ova, banheiro.

JOÃO GASPAR SIMÕES

DIA RELIGIOSO

AMANHÁ, 18. — S. Agapito, martir. Lausperenc, sai da igreja de S. Mamede, para de Nossa Senhora do Amparo em Benfca. S. Mamede, ás 11 e 30, missa solene, por musica, procissão e benção. Paroquial de Benfca, ás 11 e 30, missa da exposição do Santissimo, ás 18, Terço de ben-ditos.

OS REIS INGLESES EM FÉRIAS



Em Balmoral, na Escocia, onde foram passar alguns dias de ferias, o rei Jorge VI e a rainha Isabel, acompanhados das duas princezas, dirigem-se á igreja da localidade para assistir á missa

O PORTO DIA A DIA

Animada cena de rua

A população desta cidade tem uma profunda antipatia pelos funcionarios camararios encarregados de apanhar os cães, vulgarmente conhecidos pelos «homens da rede». Essa antipatia é originada pelo conhecimento do triste fim que têm no Canil Municipal os pobres animais, que num escasso prazo de tempo não forem reclamados, mediante o pagamento da indispensavel multa, e pela forma irritante e espectacular como se faz a «caçada», e ainda por só caírem, em geral, em rede, cães de estimação.

Desde manhã á noite e pela noite fora a sinistra carroça percorre a cidade de lés a lés, sempre acompanhada dum guarda da Policia de Seguranca. Raro é o dia em que se não dão as mais desagradaveis cenas, provocadas pela repulsa que toda a gente sente pelos «apanha-cães» os quais nem sempre cumprem com o que lhes está determinado superiormente. Esse serviço está incorporado nos Serviços de Limpeza Publica, superiormente dirigidos pelo sr. engenheiro Manuel do Amaral, funcionario exemplar, que não pode, evidentemente, assistir a todos os actos dos seus subordinados, que muitas vezes, por conta propria, fazem o que lhes apetece, desprezando as ordens recebidas.

Numa das ultimas noites, deu-se um incidente que poderia ter tido graves consequencias, se não fôsse a intervenção prudente e acertada dum graduado da Policia, que tudo resolveu pelo melhor.

Um conhecido industrial, pessoa muito considerada, saiu um pouco a dar um pequeno passeio com o seu cachorrinho, devidamente agaiado e acorrentado. Encontra-se, pois, dentro dos regulamentos, tanto mais que não faltava a respectiva licença. Ao passar na rua Passos Manuel surgiu a «rede». A' vista dum cão, e mais a mais boa presa, dada a apresentação do seu dono, os «apanha-cães» não vacilaram e apanharam o pobre animal, ao qual, com a rapidez dum relampago, arrancaram o agaiado, inutilizando-o, para assim poderem atestar a infracção ás posturas municipais.

O ardil não é novo, mas desta vez o «golpe» falhou, pois que para infelicidade da caravana canina, o acto foi presenciado por pessoas da maior respeitabilidade, que lavraram logo o seu protesto. Um meretissimo juiz, integerrimo magistrado que toda a cidade conhece e respeita, um medico, dois officiais do exercito, pessoas que passavam, e o proprio dono do cão, tiveram a força moral indispensavel para erguer as suas vozes perante o guarda da policia que, convencido da justiça que assistia aos reclamantes, lhes aconselhava calma, ao mesmo tempo que se propunha influir pela liberdade do cachorro.

Os homens da carroça, para não perderem o tempo e a preciosa presa, mal conseguiram tê-la bem segura, chicotearam o macho que a tirava, e o carro canino seguiu rua abaixo numa louca desfilada.

Pouco tardou que em sua perseguição fôsem algumas centenas de pessoas e um automovel, que só os alcançou na rua Fernandes Tomaz, atravessando-se-lhes á frente. Entre os populares corriam também alguns guardas da Policia, no intento de manterem a ordem e a integridade fisica dos «caçadores» noctivagos de pobres e inofensivos «porritos». A cena prometia degenerar em serio tumulto, se na perseguição dos fugitivos anti-zoofilos não tivesse ido também o graduado n.º 126, da 1.ª esquadra da Policia, que, além de estabelecer um rapido serviço de ordem, mantendo em respeito e á distancia algumas centenas de perseguidores da carroça e da sua tripulação, muito contribuiu para a boa solução do conflito, que terminou, como estava indicado, com a entrega ao seu dono do pobre «Mops», perante uma grande salva de palmas do publico, que então enchia a rua e de muitas senhoras que assomaram ás janelas, atraídas pelo vozear da multidão.

E' de supor que quem de direito tome as providencias necessarias para que estas cenas não voltem a repetir-se.

GUILHERME DE CARVALHO

VII EXPRESSO POPULAR LISBOA Á FIGUEIRA DA FOZ

Em 21 de Agosto

Ida e volta..... 33\$00
Marcação de lugares facultativa.. 2\$50
Uma bicicleta..... 3\$00

HORARIO

Lisboa - Rossio.....	Part.	8-50
Entre Campos.....		9-02
FIGUEIRA.....	Cheg.	12-42
	Part.	21-10
Entre Campos.....	Cheg.	0-58
Lisboa - Rossio.....		1-11

Bilhetes á venda nas «Informações» da estação do Rossio — Esclarecimentos no Serviço do Tráfego da C. P. — Telefone 2 4031.

TEMAS COLONIAIS

Colonização e povoamento de Angola

Cada cabeça, cada sentença, da discussão nasce a luz, aprender até morrer, são três adágios populares que valem como doutrina, cujos preceitos merecem o mais profundo respeito e acatamento. E' assim que sobre colonização e povoamento de Angola começa um artigo firmado com as iniciais S. B. publicado no «Diário de Lisboa» de 10 de Junho preterito.

Como cada cabeça dá a sua sentença, para não fugirmos ao adágio, vamos também dizer algo de nossa justiça, cuja opinião assenta em 23 anos de vida em Angola; no que temos visto, constatado e deduzido durante esse espaço de tempo. Em muitos casos, a prática, vale tanto como a teoria: o que deduzimos pelos factos que ante nós se passaram e cujas consequências verificamos, por compendios, ideologias, que são dogmáticas para muitos, por serem proclamadas por consagrados nos assuntos que por darem bons resultados em certos meios e com recursos diferentes, não quer dizer que sejam optimos em toda a parte.

O artigo que lemos refuta e com razão a doutrina dum outro publicado pelo sr. Gavino Gonçalves, e transcreve umas afirmações do distinto colonial que é o general Norton de Matos, em que se refere a concessão de vários tratos de terra, que seriam concedidos com obrigação de povoamento por famílias rurais portuguesas.

O sr. Gavino Gonçalves, diz, segundo o que lemos: «Só pode ser colono quem reúna, entre outras, estas três qualidades:

1.º Um grau de cultura que lhe permita a aprendizagem rápida e proveitosa de ensinamentos tipicamente colonialistas, que consequentemente transforma o colono num valor positivo, produtor de facto e de direito de energias aproveitáveis e de trabalho dentro do âmbito da sua esfera de acção. 2.º Ser casado e ter filhos a fim de se fixar permanentemente à terra, não temporariamente. A terceira qualidade é sobre a idade e isso não interessa para o que vamos dizer.

Pois nós, que também temos a nossa opinião discordamos de tudo. Tanto das Companhias grandes concessionárias, que nunca se chegam a organizar, pois todas querem fazer colheita sem semear, como da segunda modalidade do colono com cultura, muitos filhos para se fixarem à terra tudo são teorias, utopias, sonhos, ilusões. E não nos venham com exemplos, com casos verificados em outros países. E' de Angola que se trata, é a Angola que nos referimos.

A colonização oficial é cara e a maior parte das vezes cria funcionários e não colonos. Para a Africa não se vai desbravar a terra; tal trabalho é para os negros. Aguentam-se enquanto ha ajuda, subsídios. Depois... fogem.

Quando chegámos a Angola, havia uma duzia de anos que se tinha iniciado a colonização no distrito da Huila que, vegetando, conseguiu vingar, porque os seus componentes não eram cultos e sim analfabetos, e também pelo movimento comercial de transportes, etc., proveniente das expedições militares organizadas para ter em obediência os irrequietos povos do Ovampo. Mais tarde tentou-se um principio da colonização no Lepi-planalto de Benguela, e na Quibala—interior de Novo Redondo,—que não vingaram e de que só restam ruínas.

A colonização de Angola tem que continuar a progredir, naturalmente, de por si, sem ajuda e legislação directa. Todo o auxilio tem que ser indirecto. E é este o sacrificio que a Metropole tem a fazer.

A melhoria economica geral traz a fixação. O Caminho de Ferro de Benguela e a prosperidade que Angola usufruiu durante o periodo das facilidades e das altas cotações atingidas pelos seus produtos, fez surgir do solo deshabitado as vilas e cidades que em 1.347 quilómetros existem do Lobito à Vila Teixeira de Sousa. E o que aconteceu nessa zona, deu-se em todo o solo angolano. Hoje, mesmo, isso su-

cederá, se uma nova politica economica for inaugurada de auxilio mutuo entre Angola e a Metropole. Que esta consuma, em igualdade de preços aos produtos similares metropolitanos, vinte ou trinta mil toneladas de trigo, dez a quinze mil de arròs, feijão, etc., visto também a industria nacional ser a grande fornecedora da colonia.

Como a viagem presidencial vai ser benéfica para Angola!... Com que satisfação e regozijo foi lá recebida a noticia da visita do Chefe do Estado e das consequências politicas e economicas que para a colonia advirão, cujo inicio está no projecto do «Fundo de Fomento da Colonia de Angola», que os jornais publicaram! E, todavia, no preambulo do decreto e do que ha a realizar, não se fala em colonização. O Governo entende, e para nós muito bem, que o fomento e o progresso que de tais melhoramentos advirão, a trará, sem as grandes despesas que tal problema acarreta.

Das grandes companhias, só o Caminho de Ferro de Benguela e Companhia dos Diamantes de Angola, é que têm feito colonização. Indirecta, é facto, embora a primeira tenha feito agora uma experiencia directa no planalto de Benguela. Mas pelo seu potencial economico, têm feito desenvolver e progredir meia Angola.

Sem a Companhia dos Diamantes, a Lunda, grande parte do Moxico, Vila Luso, Saurimo, não existiam. Nem o Estado receberia imposto indigena por ser impossível aos negros o angariarem tal importancia. E eis como indirectamente se faz colonização.

Fixarem-se à terra!... Nem os funcionários publicos a fazem. Só pensam na reforma para a virem gozar na Metropole. Só aqueles que, como nós, foram em rapazes para Angola, a quem chamam «cafrealizados», que lhe temos amizade e dedicação nos fixamos. Se vimos à Metropole tratar

da saude, andamos saudosos, com nostalgia da «nossa terra», ansiosos por para lá regressarmos. Não temos vergonha em o dizer: choramos quando o vapor desatraca do cais do Lobito. E, todavia, fomos para lá como colono-funcionario, nem com tal grau de cultura que hoje é axiomático proclamar.

Já algumas vezes temos escrito que os reformados da colonia deviam ser obrigados, se quisessem receber a reforma, a viverem lá. Seria uma medida de grande alcance colonizador. Chamariam a tal decisão uma violencia? Não nos parece, desde que de antemão o funcionario a nomear tivesse conhecimento dessa condição. Não lhes convinha a «violencia», desistia e nomear-se-iam para esses cargos os portugueses brancos nascidos nas colonias. Com excepção, está claro, dos que vão desempenhar cargos directivos, dos classificados de soberania, e os tecnicos, podendo os desempenhantes dos misteres especializados o trabalharem em regime de contrato. E assim veriamos que também não faltavam candidatos a funcionarios publicos.

E caso interessante e digno de reparo. Estamos na Metropole ha um mês e meio, apenas. Temos falado com alguns reformados e em todos eles temos notado saudades, nostalgia. Africa, Africa! Angola, Angola! Quem me dera lá, dizem!... Francamente que não compreendemos essa evocação saudosa. Quem os proibe de satisfazer esse desejo tão querido à sua alma de desterrados?! Sempre viveriam melhor, pois ha regiões em Angola saudáveis, e onde o custo da vida é barato, escusando de arrastar a velhice e o estropiamento todas as tardes no passeio oriental do Rossio, quando em Lisboa, ou em qualquer aldeia, onde o velho e inutil africano é considerado estrangeiro.

ANTONIO AUGUSTO DIAS



Uma Esposa Ciumenta faz uma confissão

Sentia que a afeição de meu marido afeccionava a pouco e pouco. Se ele se tivesse completamente desligado de mim, reconheço agora que teria sido por minha propria culpa. Aos 20 anos tinha eu uma carinha bonita e uma pele fresca e clara. Depois de casada desculdei-me do meu aspecto. A rotina dos trabalhos caseiros e a criação dos meus dois filhos, depressa me marcaram o rosto com rugas e gelhas. A pele tornou-se aspera e grosseira. Aos 30 anos podia-se facilmente julgar que eu tinha 40. Foi então que li um artigo referente à surpreendente descoberta do «Biocel» por um grande medico de Viena, descoberta esta que permite a qualquer mulher recuperar a sua aparência juvenil. Fiz imediatamente a aquisição dum boião de alimento «Biocel» para a pele e usei-o essa mesma noite antes de me deitar. O resultado maravilhoso foi positiivamente. Logo na manhã seguinte a minha pele parecia mais fresca e mais clara. O fim duma



semana meu marido exclamou: — Emilian, tu estás na verdade rejuvenescendo! Ao fim dum mês todas as minhas amigas falavam da minha transformação física. Actualmente já não tenho nenhuma razão para sentir ciúmes de meu marido.

O Biocel é um alimento vital das células, obtido de animais novos cuidadosamente seleccionados, pelo professor dr. Stejskal, da Universidade de Viena d'Austria. O creme Tokalen, cor de rosa alimento da pele, é o unico que exclusivamente o contém. Alimenta e rejuvenesce a pele durante o sono. Suprime as rugas e os traços e dá uma tez clara e aveludada de rapariga. Garantem-se optimos resultados ou devolve-se o dinheiro. A venda nas boas casas. Não encontrando dirija-se ao Deposito Tokalen — 88, Rua d'Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

A' margem da semana

Sintra

Estava lindo esse dia em que fomos a Sintra—sereno, sem calor excessivo, horizontes limpidos, livres desses nevoeiros que tantas vezes em agosto velam a serra.

Percorremos o caminho com o automovel num andamento moderado, em atenção ao sono do mais novo dos viajantes, que dormia sossegadamente, sem se preocupar com a paisagem, como é proprio de quem entrou na existencia ha pouco mais dum mês.

Depois do almoço, numa casa hospitaleira—onde se reuniam á mesa quasi vinte pessoas de variadas idades—e da conversa amena no jardim, uma parte do grupo foi dar uma volta de automovel pela estrada florestal e levei-me a ver o lago azul. Ora este lago, ou antes lagôa, está muito diminuido e pouco azul. A agua baixa reflecte mais o amarelado da terra que lhe serve de fundo do que o azul do céu. Mas o lago era um pormenor. A estrada florestal é que é uma beleza, e também a mata, com o verde aveludado e vivo dos pinheiros mansos destacando na outra verdura mais severa.

O aroma salubre e agreste dos pinhais embalsamava o ar; a paisagem, em cada curva do caminho que iam os seguindo, desdobrava a sua grandeza com luminosos trechos de mar, desfiladeiros cheios de vegetação e ao longe manchas brancas de povoações.

A tarde macia envolvia tudo na sua luz purissima e quanto nos cercava era tão lindo que nos fazia compreender a predilecção dos poetas por este adoravel cantinho de Portugal. Bernardim Ribeiro ali sofreu as suas saudades e ali vagueou recordando a menina e moça, que alguns supõem fôsse uma princesa; Camões lá ia também desabafar os seus tormentos junto da apaziguante natureza, que ele amava como todos os verdadeiros poetas; lord Byron ali encontrou um pouco de doçura e de serenidade. Não possuíam estradas florestais nem automoveis, percorriam lentamente os carreiros rudes da montanha, mas os poetas são mais poetas quando têm os pés em contacto com a terra e o pensamento deslumbrado pelas estrelas.

No entanto nós iam gozando os benefícios da estrada e do motor, e apesar disso esquecendo o efemero das nossas obras humanas em face da magnificencia eterna da natureza...

MARIA DE CARVALHO

Noticias de Ponte de Sôr

PONTE DE SOR, 15.—Estão-se realizando as tradicionais festas em honra de Nossa Senhora dos Prazeres e a beneficio da Misericórdia. Os festejos que se prolongam por três dias constam de cerimoniaes religiosas e de arraial.

Hoje realizou-se a imponente procissão de Nossa Senhora dos Prazeres, presenciada por grande numero de fideis, havendo durante o dia diversas solenidades religiosas.

Na proxima semana devem ter inicio os trabalhos para a canalização das aguas que hão-de abastecer esta vila. O inicio desta importante obra que tem a participação do Estado, pelo fundo do desemprego, muito concorre para ajudar a debelar a grave crise de trabalho nesta região.

E' um grande melhoramento que ficamos devendo á actual vereação e que muito vem beneficiar a sede do concelho. No entanto, é de lastimar que esta grande obra não seja acompanhada de outra, ainda de maior necessidade e alcance higienico, que é, a rede dos esgotos.

Não faz sentido que se tenha agua com fartura, mas não haja para onde a escoar, e tenhamos de continuar, não sabemos por quantos anos ainda, a assistir todos os dias ao transporte dos nauseabundos recipientes de toda a especie de detritos. Assim não está certo.

Fem-se acentuado a grave crise de trabalho nesta região. Tendo o Estado votado uma importante verba para obras de estradas no Alentejo, seria de aconselhar a abertura das obras na estrada que, passando por Longemel, liga esta vila com o Gavião, porque, além de empregar centenas de braços, tornava acessível uma ligação que no inverno fica quasi por completo intransitavel.

A quem de direito, lembramos o estudo deste assunto, de tanto interesse para esta região.

Leiam amanhã o jornal humoristico SEMPRE FIXE.

VISITE A ILHA BERLENGA

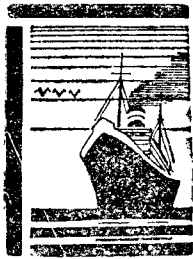
Em auto-carro e traineira própria para passageiros

40\$00 Ida e Volta;

Todos os domingos e quintas-feiras—Partida de Lisboa às 7,30—Partida da Berlenga às 18,00.

Marcação de lugares:

CAPRISTANO & FERREIRA, L.D.A.
Largo de S. Domingos, 11, Letra A —
Telefone n.º 2 1003, ou em outras localidades, nas suas filiais e agências.



COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

CARREIRA RAPIDA DA COSTA OCIDENTAL

VAPOR

GANDA

sairá no proximo dia 20, pelas 16 horas, recebendo carga para

S. Vicente, Fra. a, Bissau, Bolama, Principe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito, Benguela e Mossamedes e para os demais portos da Costa Ocidental, sujeita a baldeação.

AVISO AOS SRS. CARREGADORES: Este vapor recebe carga até às 20 horas do dia 17 e desta data até às 20 horas do dia 19, com o aumento de 20 0/10 e sujeitas as ordens de embarque ao visto do Conselho de Tarifas.

Para tratar:

LISBOA — Rua do Instituto Virgílio Machado, 14
Telefone 20052

PORTO — Rua do Infante D. Henrique n.º 9
Telefone 211

MIRAMON
OCULISTA PROFISSIONAL
ESPECIALISADO EM OPTICA MEDICA
RUA DA PRATA, 269-271
LISBOA

CAMINHO DE FERRO

Serviço especial para Viana do Castelo por ocasião das Festas a Nossa Senhora da Agonia, nos dias 19 a 21 de Agosto de 1938.

Bilhetes especiais de ida e volta a preços muito reduzidos válidos:

Das procedências da «Antea Rede».

Ida de 16 a 21—Volta de 19 a 31.

Das procedências do «Minho e Douro».

Ida de 18 a 21—Volta de 19 a 22.

Para preços e condições ver cartazes afixados nas estações.

Informações — Serviço do Tráfego — Santa Apolónia—Telefone 2 4031.



KOOL

O melhor cigarro mentolado 5\$50

Importadores

CASA HAVANEZA LISBOA

Companhias Reunidas Gaz e Electricidade

AVISO

Previnem-se os nossos Consumidores de que, a partir de hoje, o Serviço de Cobranças, na Rua Victor Cordon, 45, se encontra aberto todos os dias uteis das 9 às 18 horas, excepto aos sabados, em que fecha às 13 horas.
Lisboa, 16 de Agosto de 1938.

FEIRA DE LEIPZIG, OUTONO 1938

Começo: 28 de Agosto

Todas as informações dá o

LEIPZIGER MESSAMT

LEIPZIG, Alemanha

ou o

Representante Honorario:

A. Schmidt, Lisboa, Praça dos Restauradores n.º 13



60 % de Redução

NOS

Caminhos de Ferro Alemães

Leiam amanhã o jornal humorístico SEMPRE FIXE.

Quere a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua da Misericórdia, 115



IDEUTSCHE AFRICA LINIEN

C. las Alemãs de Navegação para Africa

PROXIMAS SAIDAS

África Ocidental	África Oriental	Norte da Europa
Tenerife, Las Palmas, Menróvia, Bata, Benito, Kogo, Pointe Noire, Boma e Matadi	Tangier, Algér, Villefranche, Génova, Port Said, Iuz, Port Sudan, Aden, Mombasa, Zanzibar, Darressalam, Porto Amélia,* Moçambique,* Selra*, Lourenço Marques*, Durban, East London, Porto Elisabeth, Capetown, Lüderitzbucht e Walvischbay	Southampton, Anvers ou Rotterdam, e Hamburgo:
WAGOGO, em 14 de Setembro	TANGANJIKA, em 22 de Agosto ADOLPH WOERMANN, em 12 de Setembro. WATUSSI, em 9 de Outubro.	USSAMBARA,* em 19 de Agosto. WATUSSI, em 12 de Setembro. USSUKUMA, em 19 de Outubro.
EM VAPOR em 10 de Outubro.	* Para estes portos só se admitem passageiros.	* Iona em Anvers.

AGENTES GERAIS:

Sociedade Insulana de Transportes Marítimos, L. da
Praça Duque da Terceira, 20
Telefones 2 9725-2 9726

LISBOA-SINTRA-AZENHAS DO MAR

Lisboa-Sintra e volta, 7\$20 em 3.ª classe.

Frequentes comboios em ambos os sentidos.

Em Sintra, ligação imediata com os carros electricos para Colares, Praia das Maças e Azenhas do Mar.

Peça o horario dos comboios nas «Informações» da estação do Rossio.

Comboio turistico a Porto e Viana do Castelo por ocasião das festas da Agonia

Como nos anos anteriores, organizou a C. P. um Comboio Turistico que, permitindo aos excursionistas passar o principal dia destas tradicionais Festas em Viana do Castelo, oferece ainda ensejo para uma visita á laboriosa capital nortenha.

Em Viana terão os excursionistas todo o dia de domingo, 21, para apreciar a Feira Franca, o Torneio dos Desportos Atleticos, a Festa do Fraje e da Lavradeira, a Tourada e, finalmente, á noite, a grandiosa «Serenata» no rio Lima, considerada o numero maximo das Festas, durante a qual serão queimados deslumbrantes fogos de ar e aquatico, o que, só por si, constitui um raro espectáculo de arte e beleza.

O programa desta magnifica excursão é o seguinte:

Dia 20 de agosto — Partida da estação do Rossio ás 7 e 27. Chegada ao Porto ás 12 e 56 e instalação nos Hotéis e Pensões. Almoço, Tarde livre. Jantar e dormida.

Dia 21 — Pequeno almoço. Partida da estação do Porto ás 7 e 12 para Viana do Castelo. Almoço e jantar. Dia e noite livres até á hora da partida do comboio, depois do fogo de artifício.

Dia 22 — Partida da estação de Viana do Castelo ás 2 e 50 para Lisboa, onde o comboio chega ás 10 e 53.

Preço, compreendendo comboio, refeições e alojamento: 1.ª classe, 250\$00; 2.ª classe, 200\$00.

Os excursionistas de 1.ª classe terão preferencia nos hotéis.

Para este comboio vendem-se tambem bilhetes com direito a transporte em caminho de ferro aos seguintes preços: 1.ª classe, 200\$00; 2.ª classe, 140\$00.

Todos os bilhetes podem ser prorrogados em Lisboa, antes da partida, para regressar de Viana do Castelo pelos comboios ordinarios.

Os «tudo compreendido» até ao dia 24 do corrente, pagando a taxa de 20\$00 em 1.ª classe e de 15\$00 em 2.ª.

Os «só transporte em caminho de ferro» até ao dia 31 do corrente, pagando a taxa de 26\$80 em 1.ª classe e de 20\$40 em 2.ª.

Inscrição e prorrogação nas Informações da Estação do Rossio. Lotação limitada.

As pessoas da provincia que queiram utilizar este comboio podem requisitar ao Serviço de Turismo da C. P.—Estação do Rossio, 1.ª, Lisboa—(telefone 2 4146) bilhetes complementares de ida e volta com 45 por cento de redução entre qualquer estação da C. P. e o ponto em que possam tomar o Comboio Turistico.

Companhia Sintra-Atlantico

COMPANHIA SINTRA-ATLANTICO



Azenhas do Mar, Praia das Maças, Colares, Galamares e Sintra. Sobejamente conhecida a excellencia desta região, estância balnearia de primeira ordem.

Praia das Maças uma das mais belas dos arredores de Lisboa.

Visite V. Ex.ª esta praia utilizando os magnificos «auto-carros» e electricos da «Sintra-Atlantico».

—o-o—

Carros electricos a todos os comboios em Sintra e «auto-carros» em Lisboa (Largo de S. Domingos, 11). Telefone 2 6267 Lisboa: P. 10, 13, e 18 e 30 (dias uteis). 10, e 1,15 da noite (domingos e feriados).

Azenhas do Mar: P. 7,30, 8, e 18,30 (dias uteis). 8, e 19 h. (domingos e feriados).

Carreiras entre Sintra-S. Pedro
Informações: Rua da Prata, 122
Telefone 2 5359

Excursões a todo o país

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271



Por um singular fenómeno geológico, o nível de Londres baixa continuamente, ao contrário do de Gibraltar, cujo «penon» todos os anos cresce alguns metros, dominando o velho Mediterraneo. A media desse «afundamento» é duma polegada em cada cinco anos. Esta contracção geologica foi revelada por numerosos indícios. Ha muitos anos, por exemplo, constatou-se, com espanto, o facto das aguas do Tamisa terem invadido Millbank. Ora, neste local fôra construido no principio do seculo XIX um cais que dominou sempre o caudal do rio, mesmo na ocasião das grandes marés. Um inquerito demonstrou que o nível da terra havia baixado, sendo, portanto, necessario elevar o cais. Projecta-se agora a reconstrução das pontes do Tamisa, bem como o acrescentamento das guardas, a-fim de que Londres não seja um dia assolada pelas aguas do seu rio tutelar.



Diz o «Temps» que a nomenclatura das ruas duma cidade é uma indicação dos seus gostos liricos. E cita Londres, onde ha muitas arterias com nomes de poetas. Chega-se ao ponto de, nos cunhais da capital haver duplicação e até triplicação de apelidos celebres, o que é bastante inconveniente, não só para o turista, mas ainda para o proprio autotone. Milton tem vinte e seis ruas e avenidas. Byron baptizou oito arterias; Ruskin, sete; Lamb, seis; Shakespeare e Chancer, tem cinco cada um; Spencer, três; Browning outras três; Swinburne, duas; Henick, igual numero; e Keats e Hood apenas uma. São estes dois, pelo visto, os que têm menos admiradores... municipais.



Anunciam de Stoccolmo que, por ordem das autoridades, foram esterilizados, nas regiões de Biekinge e Vallo, sete mil ovos de gaivotas. A Suecia decidiu declarar guerra a essas aves, em virtude de assolarem o interior do país, devastando campos e jardins, apesar de encontrarem abundante pítanção no mar.

Mas por que motivo foram esterilizados os ovos das gaivotas que são comestiveis?

Dizem os especialistas que se os ninhos tivessem sido esvaziados, as gaivotas voltariam, novamente, a fazer postura, o que tornava inutil essa operação.

Assim esterilizando os ovos, esses passaros continuam a chocá-los, sem suspeitar que a ninhada está morta.

«CARNAVAL LITERARIO»

DE TUDO UM POUCO...

de M. Teixeira Gomes

E' graças ao «enfraquecimento das energias» (li eu na biografia de um homem celebre, escrita por uma dama de letras) que na velhice a pieguice substitue a sensibilidade...

A velhice, agora, dá-me para ter dó de tudo. Bossuet encarecia a «eminente dignidade», que reveste a categoria dos pobres perante a igreja catolica; — e os miseraveis? Sim, porque entre o pobre que vive com grandes necessidades, mas come e bebe na companhia da familia, e o miseravel vagabundo, esfomeado e sem abrigo, ha um abismo.

Mas mudemos de assunto. Compreende-se bem a furia iconoclasta desses mancebos, que, depois de suar as estopinhas, não conseguem alinhar meia duzia de frases em termos; vingam-se desancando o Padre Bernardes.

Aqueles que, presos pelo favor e aplauso do publico á sua obra de estreia, persistem na formula que os revelou, «crystalizam» imediatamente e para sempre, reproduzindo-se, repetindo-se de uma maneira abominavel, enjoativa, insofrivel, até desfazer o encanto da sua primeira produção.

Nunca é demais a atenção que devemos conceder á ornamentação dos aposentos onde vivemos. As tentativas de composição modernissima (arte nova), toda em secos arabescos e moveis inspirados nos esqueletos animais, desasossegam o espirito, e na verdade não é indifferente á nossa felicidade o sentido que os moveis têm, nem as ideias que a sua presença origina; seria duro viver numa carneira, e o espectáculo da «morgue» é incompativel com a alegria.

Banalidades, lugares - c o - muns, tudo isto? Pois serão, mas convem insistir neles, apregoando-os com persistencia, para bem da... humanidade confortavelmente instalada, e hoje todo eu sou altruismo e filantropia...

As decorações em quadros de pintura mural, não admitem apparencias de relêvo, que cercariam o ambito ao aposento, mas sómente figuras que vivam em perspectivas profundas.

Como se deve pintar o interior dos edificios, publicos ou privados? E' evidente que, para tal fim, muitos dos grandes mestres chamados privativos (tanto flamengos como vene-

zianos e outros) empregavam conjuntamente dois processos de pintura: a «Têmpera» e a oleo. Como o Ruskin notou (St. Mark's Rest) certos carpacios são a «têmpera» e por cima a oleo.

A-pesar disso Miguel Angelo (se acreditarmos o que diz Vasari) considerava a pintura a oleo propria para mulheres e gente preguiçosa, embora haja, observo eu agora, muitissimas mulheres bem mais activas do que o geral dos homens...

A «têmpera» e o «fresco» convêm ás grandes, largas, ingentes composições, porque se não prestam a retoques, a emendas, e a ... mentiras.

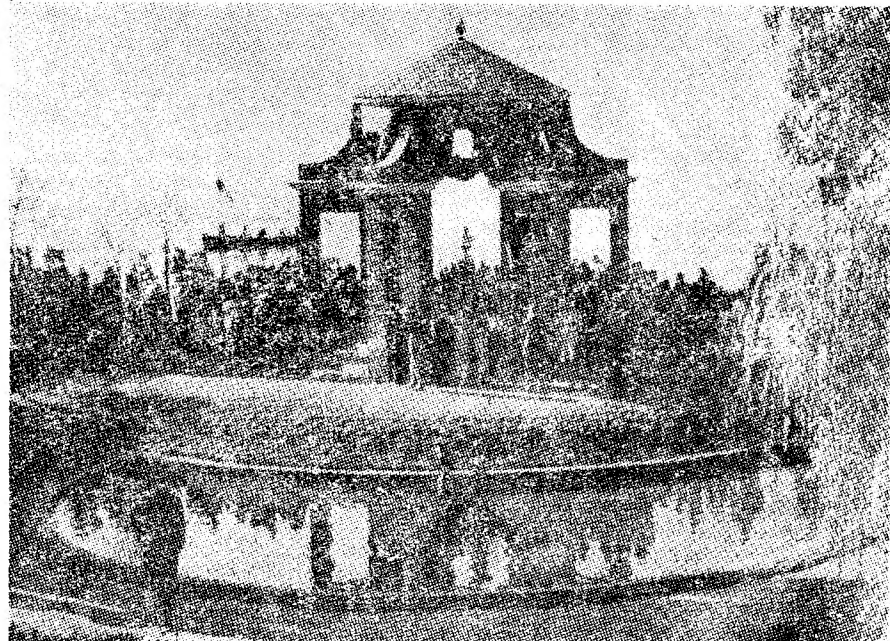
Mas tudo isto nada ou pouco tem que ver com a duvida que hoje me obceca o espirito, perante as noticias do que vai por esse mundo e especialmente da guerra civil em Espanha. Haverá realmente um «tipo europeu»?

Essa concepção, afigura-se-me, pertence aos «pensadores» do Norte, para os quais o mundo externo quasi não existe; por isso os meridionais parecem naturalmente excluidos desse padrão e ainda mesmo quando o perfilham o contradizem.

Tal é tambem a opinião de um meu vizinho de mesa, cavalheiro já entrado em anos, conceituoso e erudito, que tem percorrido meio mundo. E afirma ele que as razões explicativas da crueldade dos espanhois, sobressaindo o andaluz vinham do seu perpetuo divorcio da natureza. Não há ali, especifica ele, gente do campo, pois que a população é toda urbana, e falta-lhe portanto o bucolismo que, no dizer de alguns sociologistas, adoça os instintos da fera humana...

E a minha duvida persiste: haverá realmente um «tipo europeu»?

M. TEIXEIRA COMES



Eis o monumento que foi levantado á memoria da poetisa Ana de Noailles no jardim da sua residencia

(1)—De um livro em preparação: «Carnaval Literário».

VARIACOES

O pássaro cego

de Correia da Costa

A tarde cai de manso, num extase azul, desmaiado. A luz é diáfana, translúcida, duma cor irreal, de fundo de painel quinientista. Para o fundo dos montes o horizonte debruça-se na noite, tomba do varandim agonizante do crepusculo.

Do cabeça proximo vem o torcicolo branco de um rebanho toando nas campainhas saudades bíblicas e ecos pagãos de tardes gregas, entre paisagens calmas. Cada vez a luz é mais diáfana, transparente, irreal. Na ecloga dos campos a tarde tem a sua aguarela azul, onde ha vagamente crepusculo.

Em tudo que me rodeia eu sinto a alma tranquila das coisas rudes e ingenuas—o descer do rebanho, o murmúrio da nora, a parábola nomada das aves, o rumor tenue das folhas. Nos corpos das camponesas que abandonam o trabalho, ha um enlêvo de ancas tremulas, de seios hirtos, de troncos varonis. A luz cada vez desmaia mais, cada vez deslumbra mais, agora que o sol enfermo de ouro, todo vestido de fogo moribundo, assiste ás exequias da luz.

Só eu, no silencio que me envolve, compreendo melhor a vida, sinto-a, ao meu lado, nua, despida de illusões, a vida igual á propria vida, onde o sol não morreu e só existe a verdade latente e palpavel de todas as coisas.

Os meus olhos fixam, copiam a fisionomia dormente da paisagem maguada e doce, nessa hora agonica, como um murmúrio longinquo de reza.

Depois duma doçura, o corpo é apenas o «leit-motiv» da alma.

A alma debruça-se no tempo, e é então que tudo em nós tem o seu mais belo cenário—o cenário da memoria, da lembrança, dos sonhos mortos, das quimeras desfalecentes e perdidas.

As mãos exangues palpam tudo com mais alma. Os sentidos estão em velatura ansiosa. Os olhos vêem com mais ternura, os ouvidos ouvem com mais ensino, todos os sentidos estão em velatura, perfilados, ansiosos, inquietantes. Nada mais triste, nada mais perturbante, depois duma doçura, do que lembrar, lembrar tudo o que um momento foi quimera e morreu, lembrar tudo o que um segundo foi amor e morreu.

Na roca encantada da saudade, pouco a pouco, vai-se fiando o linho da lembrança.

Alma saudosa, enferma quimera, anseio desfalecente, poço sem fundo, abismo doirado, a quimera é a flôr mais bela, é o sonho mais belo do jardim do tempo—a flôr azul, aquela por que todos anseiam e que ninguém colhe. Em minha volta, embora eu queira vestir a minha alma de lembrança, a paisagem vai-se agasalhando na noite, prepara-se para o sono da noite, viuva enfeitada no luto fluído da cor. Sinto-me só, tão só que todo o mundo cabe dentro do meu coração.

Ao meu lado, só ha uma tentação sortilega, pintada a carmim e ouro—Paris.

E os versos do artista enamorado da morte, os versos de Mario de Sá-arneiro, o suicida de Paris, passam na «écran» instantaneo da minha memoria:

O meu Paris, meu menino,
Meu inefavel brinquedo...
—Paris, do lindo segredo
Ausente do seu destino.

Regaço de namorada,
Meu enleio apeteçido—
Meu vinho d'ouro bebido
Por taça logo quebrada...

E o que o poeta diz da cidade enfeitada, o que o poeta diz da cidade-querresse de alma latina, podemos nós dizer da vida—um vinho de ouro bebido, por taça logo quebrada...

* * *

E' meio dia e tudo em minha volta tem sol—a agua do tanque, o eulevo verde das folhas, o refulgir demoniaco dos vidros. Como um pintor sortilego que tudo pintasse com uma só tinta, que tudo vestisse com uma só cor, o sol pintou tudo de ouro e eu sinto em meu sonho a megalomania de sempre—o sol! Em todos os momentos ébrios

da existencia ha sol—desde as apoteoses aos deslumbamentos festivos, desde as romarias ás divinas folias da carne, junto á renda branca das ondas, na quermesse das praias deslumbrantes.

Dando sobre um monte, debruçado num lago, agasalhado num bosque, contente no decote duma virgem que cante, o sol é o pintor mais belo, mais dionisiaco, mais ledo do mundo.

No cenário que em minha volta se perspectiva, desde o renque dos pinheiros ao terreno de sementeira, desde o silencio do pomar ao anquilosado sono leonino do cabeça distante, o sol preparou a minha alma para a mais simples, a mais natural e a mais perturbante tragedia do mundo.

Estava eu meditando, sentado debaixo de uma figueira, gozando o enlêvo doirado de um intermezzo de oiro em pleno meio dia, um dos plenos meios dias dessa primavera doente, quando uma garotita loira, de cabelos fulvos como trigo maduro e olhos azuis, inocentinos e doces, me trouxe um passaro preso pelas asas tremulas, dizendo:

—Patrão, um passaro cego!
Agarrei-o com ternura. Vi-o bem e era certo, o passaro estava cego. No frenezim das suas asas eu senti o seu desejo de viver. Na febre de voar, de fugir, que o enlouquecia, eu compreendi a luta titanica daquela alma pequenina, filha do mesmo mundo que nos criou, daquela alma cega á luz e que-

rendo fugir para a perturbação inquietada da luz.

Como se em minhas mãos tivesse a prova de um crime, como se em minhas mãos eu tivesse a certeza duma tragedia, soltei o passaro cego, que numa recta doida, bateu as asas, voou incertamente, caiu mais longe, voou de novo, incerto e tropego. Um passaro cego! A tragedia mais simples, mais inquietante e mais triste do mundo.

Para a minha convalescença, esse passaro cego deu-me a mesma impressão da mocidade perdida, da infancia exangue nos braços da saudade.

—Sim! Sim! Aqueles vãos incertos, os olhos cerrados a toda a luz, a inquietação, o frenezim de voar, tudo aquilo é igual á nossa infancia.

Aquele passaro cego era o remorso da minha mocidade, um «requiem» de illusões sobre o meu passado morto.

Passando esta tarde senti mais do que nunca, nesta convalescença breve, que a pior de todas as dores humanas é a lembrança.

Se não existisse a lembrança, a alma do homem seria mais liberta, mais humana, mais contente e noiva da vida...

Mas a hora é festiva e grega.

Olhando esta paisagem sossegada e calma, sem um murmúrio e sem um rumor, tem-se ao menos a plena illusão do paraíso e a ideia da morte está cada vez mais longe do meu sonho.

CORREIA DA COSTA

Uma tradução do «If»

de Aires de Ornelas

O antigo oficial do exercito Julio da Costa Pinto, sempre tão nobre na defesa das suas ideias, enviou-nos uma tocante recordação literaria do illustre militar e colonialista sr. conselheiro Aires de Ornelas. Trata-se duma tradução do celebre poema de Kipling — a quarta que publicamos — trabalho feito, em dolorosas circunstancias, como Julio da Costa Pinto evoca. Encontrava-se o lugar-tenente do rei D. Manuel, preso na Trafalga, com ele, e outros monarchicos, quando verteu para português esse poema, respeitando em todos os seus pormenores a sua belleza severa e masculina.

Eis a tradução:

Se tu podes guardar o sangue-frio quando todos em volta de ti perdem a cabeça e te censuram;
Se tu podes fiar-te em ti proprio quando todos duvidam de ti, mas sabes aproveitar dessa duvida;
Se tu podes esperar sem te cansares de esperar;
Se tu não mentes quando mentem a teu respeito;
Se tu não odeias quando te odeiam;
E se nem por isso aparentas de virtuoso nem de mais sabedor!

Se tu sabes sonhar e não fazer do sonho o teu senhor;
Se tu podes pensar sem fazer do pensamento um fim;
Se, encontrado o Triunfo ou o Desastre,
Tratas igualmente esses dois Impostores;
Se podes ouvir a verdade que proclamaste
Falsçada por pulhas que com ela logram os parvos;
Se podes vêr quebrar a obra a que deste vida
E baixar a reconstrui-la com ferramenta partida;

Se podes pôr em monte todos os teus ganhos
Para os arriscar num golpe a «cara ou corôa?»
Perder e recommear de principio,
Sem uma quaixa sequer da tua perda;
Se tu podes obrigar coração, nervos e musculos
A servir largo tempo depois de perdida a força,
E assim perseverar quando já não tens nada dentro,
Excepto o «querer» que te manda — Perseverar!

Se tu sabes falar em publico sem perder a virilidade
Ou tratar com Reis sem perder o contacto com a humanidade comum,
Se nenhum inimigo ou «amigo dedicado» pode fazer-te mal
Se todos os homens contam contigo, sem nenhum ser a isso muito coagido;
Se sabes preencher sem dó cada minuto
com sessenta segundos de trabalho
Então tua é a terra e quanto contem
E, o que é mais — és um homem, meu filho!

RUDYARD KIPLING

Tradução de Ayres de Ornelas

DEPOIMENTO CARIOCA

por Marques Rebelo

Capitulo zero

Mamã era uma alma difficil. Aspera, pelo trabalho insano—não tivera mocidade, ou melhor, não gozara a mocidade. Casara-se muito cedo, namoro de vizinhos, feito com muitas cartas ás escondidas, por cima do muro divisorio, extenso muro de pedras, crivado de avencas, ninho de medrosas lagartixas. Papai não estava em condições de se casar. Ganhava pouco. Mas como era muito trabalhador, vovô não fez opposição. E' deixá-los. Eu ajudarei.

Os propositos eram optimos, mas a morte não admite propositos. Veio com a sua foice e, zás! — levou vovô. O inventario foi cruel: vovô nada tinha. As apparencias consumiam os ordenados, os seus bons ordenados de desembargador. Papai entregou-se á luta, sózinho, mogo, inexperiente, sem dinheiro, corajosamente. Mamã não se amedrontou. Foi um inverno de tristezas. Eu nasci.

Equilibrio

A alma vai em farrapos, mas a roupa é nova e faz um sol magnifico!

Pequena historia

Em agosto os homens da Prefeitura vieram e podaram todas as arvores da rua, que ficou mais triste com as arvores todas peladas. Mas em setembro elas brotaram outra vez.

A acacia que havia defronte á casa de seu Chico, foi a que brotou primeiro. D. Carlota sorriu e disse: Prosperidades! (Pensou na filha, a Lima, que estava noiva. Pensou no filho, o Manduca, que ia-se formar.) Os vizinhos, inreiosos, disseram: Como eles vão ser felizes!...

Quando chegou o Natal, seu Chico morreu, de repente, do coração, sem sentir dor. Era muito bom. Todo mundo gostava dele.

Contribuição

E deu-se que entrou em moda a criatura comer o criador.

Memorias infantis

«Janela é uma porta que não foi acabada e serve para a gente olhar para a rua. Mas os ladrões entram por ela. Outra noite a mamã saiu e eu fui para o quarto de Sofia, minha ama, que é muito boa. A janela ficou aberta, e tudo calado, porque pensaram que eu estava dormindo. Entrou um ladrão pela janela. Tive medo, mas não me aconteceu nada, porque Sofia, para ele não me fazer mal, nem me acordar, abraçou e beijou o ladrão.»—Tristão da Cunha, «Historias do Bem e do Mal»

O simbolo

«O jaburú... a ave que para mim simboliza a nossa terra. Tem estatura avantajada, pernas grossas, asas fornidas e passa os dias com uma perna pendurada na outra, triste, triste daquella austera e vil tristeza...»—Carta de Capistrano de Abreu e João Lúcio de Azevedo.

Canção antiga

«Como é triste a minha vida, como é triste!...»—Foi tudo o que me ficou da vizinha loura que se mudou.

Mais memorias infantis

«Os chinelos foram feitos para bater. Usam-se tambem nos pés». Tristão da Cunha, «Historias do Bem e do Mal».

Amor

Então eu comeci a achar que as manhãs eram mais claras.

Pregões

Sob as arvores da minha rua, o vendedor de vassouras lança o seu pregão inutil ás casas fechadas, silenciosas, como as casas de uma cidade abandonada.

(Ver continuação na 4.ª pagina)

OS LIVROS DA SEMANA

No fim do século passado um romancista americano de língua inglesa deixou os Estados Unidos para se fixar em Inglaterra. Dizia ser impossível que um romancista encontrasse na América aquela temperatura humana indispensável à incubação das grandes obras romanesca. Os grandes romancistas, pensava Henry James, tal era o nome desse grande romancista americano, carecem de viver numa atmosfera de alta temperatura psicológica, coisa absolutamente desconhecida dos países novos como os Estados Unidos da América. Só a Europa, na sua opinião, atingira já um estágio de civilização e de cultura compatíveis com a fermentação psicológica e cultural onde se fecundam as obras primas do romance. De facto Henry James fixou-se na Europa, e veio a ser o maior romancista americano do século XIX e um dos maiores romancistas de língua inglesa de todos os tempos.

Este caso é digno de meditação. Poucos anos decorridos sobre a morte de Henry James tudo parece querer mudar. A sua tese cai por terra. E na América—melhor: nas Américas—que parece estar hoje a pátria do romance. Quando a Europa começa a dar sinais de cansaço; quando os romancistas europeus, mercê exactamente desse elevado nível de civilização e de cultura, parecem fatigados de descer aos subterrâneos psicológicos perdidos no labirinto do subconsciente já quasi extinta a chama com que iluminaram durante dois séculos os recessos da natureza complexa e ondulante do homem, surge na América meia dúzia de novos romancistas, fugosos e ingéniosos, em cujas mãos brilha o fogo cintilante de uma candeia que, sem descer a grandes profundidades, rasga, violenta, a superfície da terra.

Perante a força pujante destes escritores, os romancistas europeus vacilam. Começam a ceder às sugestões que eles lhes oferecem. Por isso não é de estranhar ouvir dizer a um romancista francês: «Je tiens Dos Passos pour le plus grand écrivain de notre temps».

Seria curioso estudar demoradamente este fenómeno. Talvez o facto de o romance ser um género relativamente novo e estar muito directamente relacionado com a vida, explique—atleast certo ponto—que a América do Norte e o Brasil, países de vida nova e intensa estejam em condições excepcionais para produzir romancistas. Mas não foi precisamente por não encontrar na América a temperatura humana de que precisava que James veio para a Europa? Assim foi de facto. Mas a temperatura humana procurada por James não era a temperatura humana em que vive hoje o romance americano. Henry James, aquele subtil e psicólogo sagaz, interessava-se pelo que no homem há de mais individual, de mais complexo: procurava os ambientes requintados e as naturezas delicadíssimas, cousas raras em países novos. A juventude é simplista e brutal. As reticências, es enervamentos, os deliquios da sensibilidade, os conflitos de consciência, os imponderáveis psicológicos são timbre das raças muito civilizadas. James, enquanto americano, era de formação cultural europeia. Não lhe deviam ser estranhos Flaubert e Stendhal. As suas preferências voltavam-se para o romance europeu. Henry James era por natureza um filho da Europa. Eis por que a sociedade rudimentar americana lhe parecia primitiva e ingenua. Daí a sua descrença. Daí a sua crença em que a América ainda não estava suficientemente amadurecida para fecundar a personalidade de um romancista clássico.

Mas os novos romancistas americanos passaram de lado a concepção europeia da arte: especialmente da arte do romance. Ao conflito psicológico opuseram o *quadro dramático*—melhor o *quadro dinâmico*—da vida social americana. Em vez de uma arte de análise e de um estilo elaborado abraçaram uma estética de síntese e um estilo em que a alavanca propulsora é o fôlego do narrador. Desapareceram das suas obras os heróis centro da acção. O romancista assumiu perante o leitor o papel de uma espécie de rapsodo cuja voz narra, indiferentemente, o que os seus heróis fazem e o que pensam, o que sonham e o que realizam, estranha a complicações intelectuais e a subtilidades de observação psicológica.

É difícil de dizer até onde uma tal revolução pode levar esta arte ainda hesitante e já caduca que é o romance europeu. Mas repare-se como esta revolução é afinal um regresso. Segundo Thibaudet os primeiros romances destinavam-se mais a ser recitados do que a ser lidos. Daí o seu próprio nome. *Roman* queria dizer escrito em língua vulgar por oposição aos escritos propriamente ditos, que eram redigidos em latim. Ora no romance, tal como ele hoje é cultivado por certos escritores americanos, há qualquer coisa de recitativo. E o facto de ter abandonado o herói centro da acção criou-lhe uma atmosfera épica, tipo canção de gesta. Nos mais belos romances americanos há um sabor poético um todo nada lendário. A lenda agora é de tipo social. Os homens são arrancados vivos à massa multiforme que

se atropela nas grandes cidades. Mas o homem das grandes cidades americanas é tão ingénuo nos seus sentimentos como o homem medieval. Pode a sua vida exterior ser diferente; interiormente é a mesma. E o romancista, instalado numa memória quasi impessoal, limita-se a pôr-nos esses homens frente a frente, e a contar-nos, como o côro de uma tragédia, a sua vida violenta, sensual, cupida—barbara e estranha.

* * *

O romance brasileiro não é estranho a esta transformação. Não sei até que ponto deva ter pesado sobre os jovens romancistas brasileiros a arte dos romancistas norte-americanos. A verdade todavia, é haver entre o romance brasileiro e norte-americano certas semelhanças. John Dos Passos deve ser bem conhecido de certos romancistas brasileiros. Não se trata, todavia, de influência propriamente dita. Trata-se de uma identidade de *clima*. Norte-americanos e brasileiros estão em condições identicas. O romance americano passou a assumir o aspecto de um romance *caracterizadamente americano*. Há que contar, porém, com o condicionamento natural das sensibilidades. A sensibilidade brasileira é diferente da sensibilidade americana. O industrialismo brasileiro é uma sombra ao lado do industrialismo americano. Logo o romance brasileiro, ao contrário do norte-americano, se caracteriza pelo seu pendor rústico. O romance brasileiro tende a pintar o sertanejo. Quando não o sertanejo no sertão, o sertanejo que desceu à cidade. Isto não quer dizer que o romance brasileiro não tenha dado provas diferentes. O próprio José Lins do Rego, autor de que presentemente nos ocupamos, o demonstra. O *Moleque Ricardo* ou a *Usina*, por exemplo, são romances de tema citadino. Mas a verdade é os mais belos romances de Lins do Rego ou Jorge Amado serem os que têm negros e sertanejos por heróis. O próprio protagonista do *Moleque Ricardo*, como o título o indica, é um pobre negro que a cidade devora.

O que importa, porém, no romance brasileiro é aquilo a que eu já uma vez aqui chamei a *oralidade* do seu estilo. O romance escrito para ser contado ou recitado, tal como o romance de gesta, prefere a homenagem falada. O romance brasileiro é modelado em pura linguagem oral. José Lins do Rego, até mesmo nos romances meramente líricos, como o *Menino de Engenho* ou *Doidinho*, raro abandona esse tom de pura oralidade. Os recursos deste estilo são grandes: tanto maiores, quanto mais objectiva for a narração. Daí americanos, tal como Hemingway, Dos Passos ou Faulkner, ou brasileiros, tais como Jorge Amado ou Graciliano, estarem dele rendimento maior do que o que dele extrai Lins do Rego. José Lins do Rego é talvez o mais lírico de todos os novos romancistas brasileiros. Daí a unidade de tom dos seus livros e a *monotonia* do seu estilo. Conquanto se possa dizer de Lins do Rego, tal como se dirá de qualquer dos outros dois romancistas, que nenhum deles está presente na sua obra, pois se limitam ao papel de meros narradores ou recitadores, a verdade é Lins do Rego, pelo seu temperamento meditativo e o seu não sei quê de *saudosista*, não poder ausentar-se de todas das lembranças, dos queixumes, das alegrias e das máguas das suas personagens. A sua voz cala, por vezes, a voz delas. E ele quem sofre, é ele quem se queixa.

Pedra Bonita (Livraria José Olímpio, editora, Rio de Janeiro, 1938), é o último romance de José Lins do Rego. Em *Pedra*, o romance de

que nos ocupamos aqui o ano passado, havia um herói central. *Pureza* realizava-se em torno de uma psicologia identificável com a do escritor. O caso era mis individualista. Havia ali muito de auto-retrato. Em *Pedra Bonita* não. Este pertence ao numero dos romances de Lins do Rego em que há uma preocupação dominante: ser objectivo, o que tem acarretado a Lins do Rego a responsabilidade de alguns romances o seu quê *mechanicos*. Neles se vê a mão do obreiro. São *mechanicos* em movimento. Mas *Pedra Bonita* não pode enfileirar nem com os romances mais subjectivos de Lins do Rego nem com os seus romances *mechanicos*. *Pedra Bonita* denuncia um curioso compromisso entre o subjectivismo lírico do autor e a sua vontade de objectivismo. O herói nesta obra nem é um outro Lins do Rego nem uma personalidade criada de *toute pièce*. Nesta obra, o herói é Assu, uma estranha povoação perdida no meio do sertão brasileiro, vizinha de um lugar encantado e malféfico. Pode Antonio Bento, o menino criado pelo padre Amancio, mostrar-nos a tristeza do seu destino amaldiçoado; pode o próprio padre Amancio revelar-nos a piedade santíssima do seu coração; pode D. Fausta gemer e gritar; pode seu pai morrer, borrocho de dor e vergonha; pode a tamarineira cobrir a maledicência de todos aqueles bichos ruins de Assu; o que de tudo isto vive, o que de tudo isto tem realidade e poder, é a própria Assu. Lins do Rego identificou-se com aquela meia dúzia de casas onde vive uma gentinha infeliz e malvada. Antonio Bento sobe à torre e puxa o badalo. D. Fausta ouve o sino e põe-se a gritar. O pai sai para a rua para não ouvir. Mas debaixo da tamarineira o coronel, o escrívão e o tenente contam as *safadezas* da filha do major. Toda a terra parece um ser vivo de que o coração é aquele sino que Antonio Bento vai puxando, ora triste, ora alegre.

A primeira parte da *Pedra Bonita* e, na minha opinião, a melhor do romance. Nela Lins do Rego põe toda a sua arte monótona, delicada e dolorosa. E ali a monotonia está bem. O estilo de Lins do Rego desconhece a composição. E' lhe indiferente ter dito três ou cem vezes a mesma coisa. Diz, volta a dizer, daí a pouco reconheça, e nós sentimos que é essa insistência que cria tudo na sua obra. O tom da sua voz é semelhante ao de um rapsodo. Nunca muda de ritmo. Quer seja de sangue, quer de amor a história que nos conta, conta-la-á da mesma maneira. A vida é longa, os homens são infelizes, a memória é o nosso tormento e a nossa consolação, parece repetir constantemente o estilo de Lins do Rego. Mas como é natural, Lins do Rego identifica-se melhor com o acontecer lento e monótono do que com o drama agitado e colorido. Daí ele nos ter dado neste livro duas narrações que conquanto se interpenetrem não se confundem. A primeira esmaga a segunda. A primeira, *A Vila do Assu*, tem tudo quanto era preciso para criar o ambiente que a segunda, *A Pedra Bonita*, não consegue manter nem justificar plenamente. Há muita coisa supérflua nessa segunda parte. A narração complica-se. José Lins do Rego pretende fazer pesar sobre o Assu a presença malféfica da Pedra Bonita, lugar onde outrora surgiu um taurinargo e onde de novo se vai repetir o milagre. E' certo que o sentido da obra se alarga nesta segunda parte. Lins do Rego pretende pôr-nos em presença de um desses casos de furor supersticioso em que são fecundados os povos primitivos, Antonio Bento, o protegido do padre Amancio, pertence a uma raça amaldiçoada, pois foi um seu

antepassado quem denunciou a presença na Pedra Bonita do enviado de Deus que degolava crianças e fazia mulheres as donzelas. Educado, pelo padre, ignora até muito tarde essa maldição. Um dia, porém, volta a casa e é posto ao corrente dela. As terras dos pais não podem prosperar. Estão amaldiçoadas. Um filho foge para o sertão, onde se faz chefe de cangaceiros. E Bento começa a sofrer a sorte de irmão de cangaceiro. Lins do Rego põe-nos diante dos olhos a infelicidade dos sertanejos, dizimados ora por cangaceiros, ora pela tropa que os combate. A dor, a fome, a maldição pesa sobre aquela pobre gentinha. Mas eis que, na Pedra Bonita aparece novo enviado de Deus. E' um delírio, uma fascinação: todos correm a rojar-se aos pés do Santo. Cantores ambulantes e feiticeiros eis os homens mais queridos daquela gente miserável e sonhadora. Bento, é vencido pela força do sangue. Quando o padre está para morrer, pede-lhe que chame um confessor. Bento sai de madrugada para Doros, mas como a tropa vai assaltar a Pedra, onde todos os seus estão em extase perante o milagroso salvador. Bento corre a avisá-los do perigo. A voz do sangue, a voz da terra—seu fundo supersticioso e poético—venceram.

Ha grandeza nesta ideia. Mas Lins do Rego realiza melhor as emoções simples do que as grandes ideias. Nada ha neste livro que valha a pintura de Assu. A solidão, o desespero e o sonho pairam sobre essa terra. Sentimo-nos respirar fundo, os olhos põem-se-nos a olhar para o longe. Lins do Rego realiza este milagre com um estilo de uma simplicidade e de uma incorrecção tocantes. Quasi não ha imagens neste estilo. Ha apenas um olhar para as cousas e um dizer como elas são sem preocupações de estilista nem policiamentos puristas.

Quem pudesse regressar a uma tal simplicidade, a um tal primitivismo! Quero crer que é nesta simplicidade e neste primitivismo que está o segredo da superioridade do romance brasileiro moderno sobre o nosso, cansado da boa prosa e de complicados purismos.

* * *

A *Revista de Portugal* publicou o seu quarto tomo. E' motivo para felicitar-nos o seu director, dr. Vitorino Nemesio. Empresas desta categoria são raras em Portugal e raramente ultrapassam os dois ou três primeiros números. Ao português falta persistência. Os seus entusiasmos são fugazes. Por isso não seria para admirar que a *Revista de Portugal* tivesse entrado já numa fase de desagregação. O que muitas vezes contribue mesmo para que tais empreendimentos sobossobre sejam pequeninos atritos, gerados em pequeninos choques de vaidades ou despois doentes. O mal do português é a vaidade, sentimento a que não são estranhos os melhores talentos.

Oxalá a *Revista de Portugal* não venha a ser vítima de algum desses senhores tão talentosos como doentes de insaciável e malfévica vaidade.

Neste numero quatro da *Revista de Portugal* são dignos de particular destaque os admiráveis poemas de Fernando Pessoa. O primeiro dos *Dois Poemas* de Fernando Pessoa é, por certo, dos mais inspirados poemas que Fernando Pessoa escreveu e dos mais belos poemas da nossa literatura. O poeta brasileiro Manuel Bandeira deu á revista duas pequeninas e curiosas poesias; Adolfo Casais Monteiro publica varios poemas, de que destacarei o ultimo, *Presença da Morte*. E' um documento da melhor fase de Casais Monteiro. Outro tanto direi da *Canção* de Antonio Botto. Da colaboração em prosa vale a pena ler o ensaio de Delfim dos Santos, intitulado *Heidegger e Hölderlin*. Delfim Santos resume com uma lucidez admirável o pensamento poético de Hölderlin estudado por Heidegger no seu ensaio *Hölderlin e a essência da poesia*. O terceiro acto de *Jacob e o Anjo* mantém-se no tom dos dois primeiros. Só a leitura completa do misterio nos deixará, contudo, fazer um juízo seguro sobre este excepcional documento do teatro moderno português. *O Espelho da Morte*, de Vitorino Nemesio, tem notas curiosas.

A ultima parte da *Revista de Portugal* é preenchida, como sempre por excelentes estudos criticos e notas bibliograficas. Dezanarei o estudo de Carlos Queiroz sobre o romancista brasileiro Erico Verissimo e o final do estudo de Casais Monteiro sobre o poeta brasileiro Antonio Bandeira. No *Jornal* ha alguns agudissimos aforismos de José Balsemão, uma curiosa página de José Régio e mais algumas páginas do *Diário* de Miguel Torga, onde o pitoresco é a nota dominante.

JOÃO GASPAR SIMÕES

Do livro «MALÍCIA SEM MALDADE»

O governo não é obra dalguns, mas o resultado da colaboração de todos. Não ha governo possível em sociedades que não estejam empenhadas em ser bem governadas.

JOAQUIM MANSO

PEDRA BONITA

romance por JOSE LINS DO REGO

REVISTA DE PORTUGAL

n.º 4 director VITORINO NEMESIO

DEPOIMENTO CARIOCA

(Continuação da 2.ª pagina)

nada. Sob as arvores que envolvem a minha rua perdida numa frescura macia, o homem imundo que concerta máquinas de costura solta o seu grito anunciante, um grito cheio de necessidade. Na minha rua tranquila, fresca, abandonada, o vendedor ambulante nunca vendeu uma vassoura, nem o homem imundo concertou jámais uma máquina. Mas eles passam sempre, lançando os seus pregões inúteis. São estrangeiros e nos seus pregões doentes, quasi incompreensíveis, ha qual-

quer coisa que faz lembrar uma terra perdida, uma terra remota vagamente na distancia. Passam sempre cansados depois de terem percorrido ruas e mais sob o sol cru e abençoam estrangeiros e humildes as arvores as boas arvores que derramam sobre a minha rua uma sombra tranquila.

Solidão

Esqueci a cor dos teus cabelos!

Rio de Janeiro.

MARQUES REBELO